

a *Cena*

Cr\$ 2,00
em todo o Brasil
Nº 7 — 18-2-47

MUDA

BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL





RICHARD HART, O NOVO GALÃ DE GREER GARSON

RICHARD HART é um rapaz de sorte. Começou no teatro de Nova York e logo foi cobiçado pelo cinema. Hoje está em Hollywood, fazendo sua estréia em "Woman of my own", como galã de uma das maiores "estrelas", Greer Garson.

Nas fotos que ilustram esta página o vitorioso estreadante aparece ao lado de sua esposa, por ocasião de sua primeira visita à terra do cinema. Que tenha êxito o novo galã de Greer Garson, é o que desejamos.



NOSSA CAPA

Em Hollywood não se festeja o carnaval como no Brasil, mas para as suas "estrêlas" a terra do cinema é um carnaval permanente. Nos restaurantes, misturam-se trajos de todas as épocas e de todas as cores. E às vezes há verdadeiras maravilhas como o bolero que Martha Vickers, da Warner Brothers, apresenta em nossa capa de hoje, que ainda apanha os últimos momentos do carnaval carioca...

SUMA'RIO

COLABORAÇÃO :

"Copacabana", Carmen Miranda e outros assuntos", por Thomas F. Brady, (condensado do "New-York Times"), na página 3; "Ditadores de sucessos em desfile", por Armando Migueis, nas páginas 6 e 7; "Walter Pidgeon queria ser marujo", por Pery Ribas, na página 11.

REPORTAGEM ESPECIAL:

"Os melhores filmes de 1946", por Bosley Crowther, nas páginas 18 e 19.

CINE-ROMANCES:

"A' Beira do Abismo", filme da Warner Brothers, com Lauren Bacall e Humphrey Bogart, nas páginas 20, 21, 22 e 23 (conclusão); e "Gloriosa Jornada", filme da Colúmbia, com Glenn Ford e Janet Blair (início), nas páginas 24, 25, 26 e 27.

DIVERSOS:

"Richard Hart, o novo galã, de Greer Garson", na página 2; "Donna Reed inspirou confiança a Frank Capra", por Lynton A. Wilkinson, nas páginas 8 e 9; Audrey Totter, a esquisita, na página 10; "Wallace Beery está de novo em forma", por Will Edwards, na página 12; "Thomas Mitchell, um autêntico valor", na página 13; "George Murphy está subindo de cotação", por James Arthur, nas páginas 16 e 17; "Um casal feliz", na página 35.

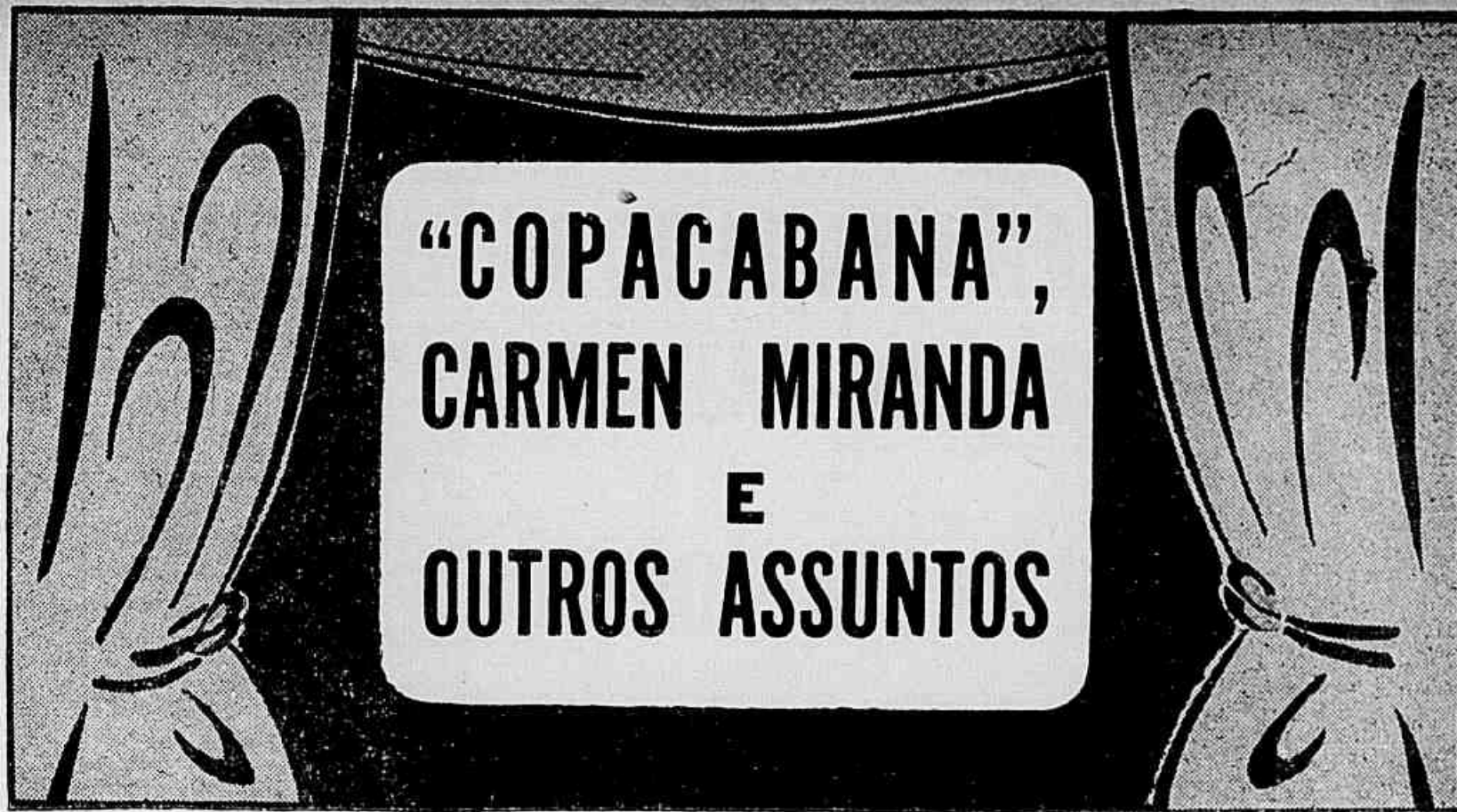
SECÇÕES PERMANENTES :

Boa Noite, pags. 4 e 5
Melodias para Você, páginas 28, 29 e 30.
Correio dos Fans, pag. 32.
Cotações da Semana pagina 31.

A CENA MUDA

— Rua Maranguape, 15 —

— RIO —



OS lucros do filme "Copacabana", que está sendo produzido por Sam Coslow, para a United Artists, serão repartidos com sete pessoas segundo se anuncia do estúdio produtor. A idéia de filmagem dessa película nasceu quando os diretores da United Artists sugeriram a Sam Coslow que a companhia devia tratar da produção de alguns filmes musicais para este ano. Foi então que o conhecido produtor de Hollywood procurou entender-se com George Frank, gerente dos interesses artísticos de Carmen Miranda, e com os dirigentes do Copacabana — famoso *night club* de Nova York —, Monty Proser e Walter Bachelor. E então ficou resolvido que Carmen Miranda aparecesse na película e que o importante *night club* servisse de cenário para a mesma. Mas, logo em seguida, surgiu um problema: a história do filme devia ser escrita por alguém. Sam Coslow, então, não hesitou em meter mãos à obra e escreveu êle próprio o entredo da produção, que está presentemente, em andamento no estúdio da United Artists, tendo criado para Carmen Miranda um duplo papel. Groucho Marx, que pela primeira vez vai aparecer no cinema sem os seus incríveis irmãos, foi contratado para contracenar com a popular artista brasileira, recobendo, além dos seus salários estabelecidos pelo contrato, mais 10% dos lucros futuros da película.

David Hersh entrou como um dos financiadores do filme. Então, Sam Coslow, George Frank, Monty Proser, Walter Bachelor e David Hersh levantaram um capital para as despesas da produção, incluindo os salários dos cenaristas, despesas de escritório e empregados. Pediram a um banco 65% por cento do capital total que levantaram, orçando em 1.300.000 dólares, e ficaram pagando ao referido banco o módico juro de 5%. Adquiriram depois de uma companhia financiadora particular mais 35% adicionais sob hipoteca. Sam Coslow não declarou qual é a proporção em que serão divididos os lucros da película. Mas o interessante é aguardar o novo sucesso de Carmen Miranda ao lado do cômico Groucho Marx.

Pela primeira vez desde o dia 7 de Dezembro de 1941 a Nisei Employment Agency, de Los Angeles, está fornecendo figurantes japoneses para as fitas de Hollywood. Durante a guerra, enquanto que todos os representantes da colônia japonesa dos Estados Unidos foram levados para as zonas de batalhas ou campos de concentração, os papeis de japoneses no cinema de Hollywood foram desempenhados por chineses, coreanos, filipinos ou havaianos. Na semana passada a Nisei Employment Agency remeteu para a capital do cinema doze japoneses, os quais serão os primeiros a trabalhar na tela nos últimos cinco anos, em papeis típicos de sua raça no filme "Assigned to treasury", da Columbia. A história deste filme gira em torno de contrabando de narcóticos durante o último conflito mundial. Alguns desses japoneses eram membros da conhecida associação Screen Actors Guild e já haviam aparecido várias vezes em filmes anteriores. Outros vão fazer a sua estréia na tela.

Desde 1941 que William Bendix vem alcançando grandes sucessos de bilheteria. Aliás, isso justifica a atitude de Hal Roach, que vai reprisar duas películas do popular ator. Trata-se dos filmes de antes da guerra "The McGuerins of Brooklyn" e "Taxi, mister", sendo este último uma continuação do primeiro. A produção original das duas películas custou 400.000 dólares e a renda total alcançou a soma de 600.000 dólares. Hal Roach teve, portanto, 200.000 dólares de lucro líquido. Em ambas as fitas William Bendix teve Grace Bradley como *leading lady*. Hal Roach resolveu fazer uma nova edição das duas películas, reunindo-as numa só intitulada "Two knights from Brooklyn". E o custo total desta nova edição não chegou a alcançar 1.000.000 de dólares. Tudo indica que Hal Roach andou muito acertado, embora William Bendix, seja a vítima, no caso, porque não receberá um níquel a mais. Tudo quanto foi feito para juntar as duas películas num só foi uma cena em que aparecem dois jornais com notícias sobre es protagonistas.

O processo do diretor Charles Vidor contra a Columbia Pictures Corporation e seu presidente, Harry Cohn, trouxe na semana passada as Nações Unidas para as manchetes dos jornais de Los Angeles. O processo de Charles Vidor tem como pretexto o fato de Harry Cohn havê-lo chamado por nomes injuriosos e ter procurado impedir a realização de seu casamento.

Em consequência dessa ação judiciária os círculos da indústria cinematográfica tem andado agitados ultimamente. Um jornal de Los Angeles e vários articulistas fizeram pela imprensa a seguinte pergunta:

— Por que a Associação de Produtores, que está sob a direção de Eric Johnston, não intervem a fim de anular o processo antes que o mesmo entre em debates?

Harry Cohn foi procurado pela imprensa e, a uma pergunta de um jornalista, respondeu: — Nem sequer sei dizer se Johnston sabia do caso...

Quando outro jornalista perguntou se esse processo vinha abalar a reputação da companhia, Harry Cohn respondeu simplesmente;

— Nós fomos atacados!

UM DEPOIMENTO DE JORACY CAMARGO SOBRE MESQUITINHA

Em *Diretrizes*, o ilustre escritor Joracy Camargo, autor de "Deus lhe pague", "Anastácio", "Maria Cachucha" e, agora, de "Mocinha", em ensaios no Serrador, escreveu este expressivo depoimento sobre o ator Mesquitinha, que se acha no Rival, à frente de uma companhia de comédia:

"Mesquitinha já foi comparado, num daqueles artigos ágeis e espontâneos de R. Magalhães Junior, ao grande Charlie Chaplin, e ninguém disse nada, a não ser alguns despeitados, e alguns outros menos esclarecidos, sobre as virtudes do nosso comico. A esses pareceu um pouco forte a comparação, porque não podem compreender que um artista que já alcançou os maiores triunfos em todo o mundo, graças as oportunidades que encontra em Hollywood, possa ser comparável a um artista brasileiro, sem oportunidade de espécie alguma. Entretanto, a comparação de Magalhães Júnior baseou-se, não só na identidade de temperamentos, mas, sobretudo, nas possibilidades intrínsecas de Mesquitinha para atingir o ponto atingido por Chaplin, se fosse colocado na mesma situação em que se viu o antigo mambembreiro inglês que chegou aos Estados Unidos na hora H do seu destino.

Mesquitinha é, positivamente, o Carlitos brasileiro, embora não tendo sabido explorar o tipo especial das suas virtudes históricas. Como o outro, ele é um comico, triste, que faz rir quando sofre as maiores infelicidades, sem dar por isso, deixando que as desgraças passem a margem de sua vida sem comprometer a sua confiança no futuro, inconscientemente, como se a vida fosse assim mesmo. Mas ao passo que Carlitos só atua nos entrecos que o colocam na situação que corresponde ao seu temperamento, ou a sua natureza artistica, o outro se esbalda em papéis que o deslocam do lugar em que estaria como peixe dentro d'água. É só essa a diferença. Falta de orientação.

Agora mesmo vimos o famoso Cantinflas, o Carlitos mexicano, que também explora um só truque, uma única virtude, descoberta por acaso, quando mambembava pelo interior do México, e os críticos cinematográficos acharam-no inferior ao nosso Mesquitinha. Isso indica que o nosso Carlitos é mais Carlitos do que o mexicano. O que é preciso é que Mesquitinha se convença disso, e deixe de estar se esbaldando em papéis que os outros Carlitos não sabem interpretar, ou evitam interpretar, no que andam muito acertados."

JOÃO JOSE

Alma Flora, em uma cena de "Vila Rica", seu grande sucesso no Glória e em sua "tournee" ao Norte. Ocupando o Ginástico, para dar peças de Bernard Shaw, Frank Vosper e Garcia Lorca, é bem possível que dê, também, uma "reprise" daquela obra dramática nacional. Na foto aparecem, ao lado dela, as atrizes Graça Moema e Norma de Andrade.



Rodolfo Arena, que foi galã da Companhia Propício Ferreira e da Companhia Maria Sampaio, está integrando, agora, o elenco dirigido por Iracema de Alencar, que excursionará por todo o Norte do Brasil. O criador de "Luz de Gás" e de "Casamento no Uruguai" foi uma excelente aquisição da Iracema.

ESTRELAS E CANASTRÕES

— O incrível Paulo de Magalhães, depois de extravasar o seu despeito pessoal e de servir de instrumento para que o Sr. Luís Iglézias também extravasasse o seu, em relação aos prêmios da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, escreveu uma carta à atriz Henriette Risner Morineau, retratando-se da insólita e injustificada agressão a essa atriz, em carta ao empresário de Eva... Como sempre, depois dos seus rompantes, o incrível Paulo de Magalhães acaba entregando os pontos. Já agora ele está mansinho, depois de aliado da Companhia Jayme Costa, na qual, de resto, era pêso morto... Coitado do Paulo!

— Foi operado no Hospital de Ordem do Carmo o escritor teatral Gastão Tojeiro, que já longo tempo se acha enfermo. A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais vem dando toda a sua assistência ao festejado autor de "O simpático Jeremias", e de "Onde canta o sabiá".

— Só em março "Os Comediantes" estreiarão em São Paulo, com a famosa peça "Desajo", de Eugene O'Neill, cujo exito fenomenal fez sombra a todas as outras realizações anteriores da mesma organização.

— Dulcina de Moraes, a grande atriz brasileira, continua em pleno sucesso em Buenos Aires, confirmando assim, internacionalmente, o seu cartaz de grande vedette.

— Regressou de Buenos Aires a escritora teatral Maria Jacinta, autora de "O gosto da vida" e de "Conflito".

— Não conseguiu se eleger nenhum dos candidatos da classe teatral ao Conselho Municipal, — o revistógrafo Luís Peixoto e o comediógrafo Daniel Rocha. Mas elegeram-se, com grande votação, o compositor e revistógrafo Ary Barroso, que já foi conselheiro da SBAT, mas hoje está fora dos seus quadros. Candidato da UDN, o fator da vitória de Ary Barroso não foi o teatro, mas sua popularidade no rádio e nos meios esportivos.

— Está prestes a ser aprovado um projeto do escritor Jorge Amado, transferindo a censura de teatro e a censura de cinema para o Ministério da Educação e Saúde, a primeira para o Serviço Nacional de Teatro, que passará a ser um departamento, e a segunda para o Serviço de Cinema Educativo.

ASTROS E NEBULOSAS

— A semana próxima passada deixou em sobressalto a família radialista, com o lamentável acidente de que foi vítima o conhecido e estimado "radio-writer" Amaral Gurgel. Felizmente, os ferimentos recebidos pelo autor de "Ternura" não tiveram a gravidade que se noticiou nos primeiros momentos. Ele já se acha em convalescença, devendo voltar à atividade, por estes dias.

— Oranice Franco popularizou-se como novelista. Seu nome, levado aos mais distantes recantos do Brasil pela onda da —PRE3, tornou-se bem conhecido. Aproveitando esse cartaz, ele escreve, no momento, um romance a ser editado por uma das principais livrarias cariocas. Quanto ao título, é segredo.

— Wahita Brasil, proclamada "Rainha das Atrizes", num renhido pleito, é exclusiva da Rádio Globo. Desde 1946 vinha ele disputando esse consagrado título.

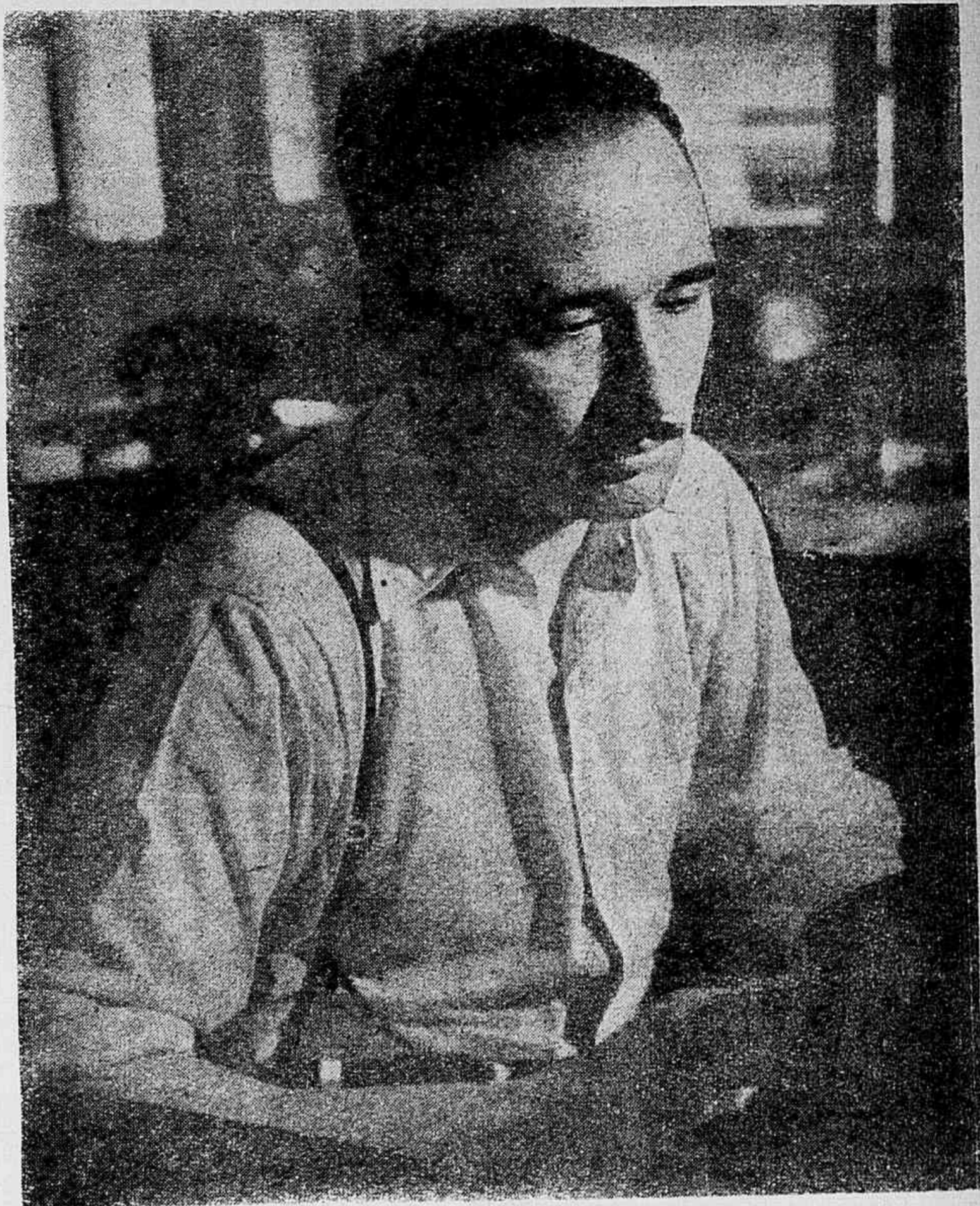
— Justificando o interesse que vem despertando as novelas da PRH-8, Rádio Mauá, a direção daquela estação está ultimando uma apresentação para os horários diurnos; trata-se da radiofonização da vida do grande músico Wolfgang Amadeu Mozart, sob o título — "Serenata Noturna" — estando a adaptação a cargo de Cesar Freitas.

— Vicente Paiva, nome bastante familiar aos radiófilos cariocas, teve uma congestão, quando, à frente de sua orquestra, animava o show de uma *boite* paulista. Socorrido imediatamente, o apreciado músico foi posto fóra de perigo.

— Encerrou-se, sexta-feira, o concurso de músicas carnavalescas, promovido pela Rádio Club do Brasil. Esta emissora teve a gentileza de convidar o cronista radiofônico da CENA, para membro da comissão julgadora. Também Renato Murce ultima o final do concurso para a escolha de uma intérprete da música mexicana, no qual seremos um dos juizes.

— A "menina do Estoril" é o mais recente trabalho de Amaral Gurgel para o cast de rádio-teatro da PRE-3. Irradiada às terças, quintas e sábados às 21,35, seu papel principal foi confiado a Daisy Lúcida, uma das mais interessantes artistas com que conta a Globo.

Edgar Lafoucade é um dos mais perfeitos intérpretes da música mexicana. Integrando o cast da Rádio Mayrink Veiga, seus programas constituem momentos de verdadeira arte.



Amaral Gurgel o consagrado novelista da Rádio Globo, e consagrado autor teatral, sofreu um acidente de automóvel, com sua esposa. Entretanto, ambos escaparam, apenas com ferimentos leves.

EXCESSO DE ZELO...

A censura continua a exercer sua indisfarçável influência sobre as emissoras, obsequiando os radialistas com convites amáveis para ouvir uma palestra do Sr. Melo Barreto Filho, sobre os assuntos que não devem ser explorados através do microfone. . . Isto, apesar de vivermos em pleno regime democrático, com uma Constituição em vigor e as autoridades proclamando a liberdade da palavra, seja para criticar um ato do Poder Executivo, seja para louvar-lhe uma iniciativa.

Ha dias, durante a transmissão do programa "Chá das três", irradiado pela Globo, na palavra do locutor Luiz de Carvalho, este dirigiu ao auditório determinada pergunta, a qual mereceu as mais disparatadas respostas, motivando o convite amigável da censura para que comparecesse perante o Sr. Melo Barreto Filho. E, ao ali chegar, o conhecido *speaker* procurou justificar seu alhaeimeto ao caso, uma vez que se limitara, unicamente, a dirigir ao auditório, uma pergunta.

Com o zelo característico de todo censor, habituado a utilizar o lapis vermelho sem dó nem piedade, o funcionário governamental redarguiu que a pergunta em aprêço não fôra censurada! Daí, a razão do Sr. Luiz de Carvalho ser chamado às falas, afim de que, ao idealizar qualquer *enquete* popular, em que o Poder Executivo esteja de permeio, não mais se esqueça de submetê-la à censura.

Este fato, narrado pela parte em questão, aconteceu em pleno ano de 1947, com uma Constituição que assegura a liberdade de pensamento em vigor. Enquanto isso, programas de baixo humorismo, em que até piadas de alcova são aproveitadas, são irradiados livremente, sem a menor interferência da censura, num flagrante desrespeito à moral pública. Que se ponha um freio a essa licenciosidade desenfreada que não raro ouvimos no rádio, está certo. Mas, censurar perguntas moralíssimas, isto é demais.

A. MIGUEIS.

Ditadores de sucesso em desfile!

O carnaval e seu rosário de melodias - assuntos diversos para composições diversas - os grande intérpretes não se descuidaram

POR ARMANDO MIGUEIS

O espírito brincalhão do carioca, em geral, é sempre posto à prova nos dias que antecedem ao reinado de Momo, através das mais pitorescas composições. Todo e qualquer motivo que se preste a uma galhofa, é aproveitado pelos "maiorais" do Nice, motivando as mais disparatadas marchas, como essa de Henrique de Almeida e M. Garcez, gravada pelos Vocalistas Tropicais e intitulada "Coitadinho do Papai", em que os dois compositores exploram um assunto interessante, dizendo:

"Mamãe quer saber
onde é que o velho vai.
Póde até chover
que toda a noite o velho sai".

Não para aí, contudo, a *verve* espontânea dos fazedores de letras. Por mais banal que se apresente um fato, logo êles metem-lhe nova roupagem, transformando-o em assunto humorístico, como no caso da marchinha de João de Barros, "Pirata da Perna de Pau", tão magistralmente gravada pelo cantor Nuno Roland, a ponto de tirá-lo do ostracismo em que se achava. Explorando o tipo tão banalizado no cinema, em filmes de gosto às vezes escasso, como "A gaivota negra", exclama o cunhado de Almirante:

"Eu sou o pirata da perna de pau,
do olho de vidro,
da cara de mau".

Para em seguida concluir:

Minha galera
dos verdes mares não teme o tufão.
Minha galera
só tem garotas
na guarnição,
por isso, se outro pirata
tenta abordagem, eu pego o facão
e grito do alto da pôpa:
— Opa, homem não!...

Benedito Lacerda e Eratóstenes Frazão, são velhos heróis dos carnavais passados. Fazendo- e uma ligeira apreciação na folha corrida desses compositores, encontraremos os grandes sucessos de carnavais antigos. Este ano, no carnaval que passou, para não fugirem ao hábito, eles apresentam como carro-chefe, na voz de Nelson Gonçalves, a batucada "Rainha do Mar". Trata-se de um número que justifica a popularidade dos autores e do intérprete.



Bob Nelson

Dircinha Batista



Vestor de Hollanda



Também Haroldo Lobo e Milton de Oliveira compareceram ao páreo carnavalesco. Por sinal com uma composição que provocou verdadeira revolução na cidade, motivando duas mortes, vários tabefes e sua retirada do mercado. Referimo-nos ao "Eu quero é rosetar", posta na cêra pelo cantor Jorge Veiga.

Mas, tantos foram os aborrecimentos causados por êstes versos:

"Por um carinho teu, minha cabrocha
eu vou a pé a Irajá,
Que me importa que a mula manque,
eu quero é rosetar."

que a festejada dupla resolveu mata-la no nascedouro. E Jorge Veiga passou a cantar "Póde ser que não seja", outro número do "abafa" de João de Barro e Antonio Almeida.

"nem tudo que reluz é ouro,
nem tudo que balança cai."

Enquanto isso, Bob Nelson, com seu jeito de vaqueiro do Texas, entrou nos arraias de Momo, apresentando "Alô, sheriff", de Pedro Paraguassú e José Batista. E, segundo o termômetro radiofônico, o popular cantor da PRE-8 levou a melhor, a começar pela enorme procura da gravação em aprêço e o interesse pela fantasia de *sheriff*.

Francisco Alves, por sua vez, encontrou no samba de Benedito Lacerda e Herivelto Martins, seu melhor número para o passado carnaval. "Palhaço", o samba em aprêço foi cantado com enorme aceitação, o mesmo acontecendo com a "Canção do Osvaldinho", de Nestor de Holanda e Braga Filho, lançada pela cantora Marion.

Dentre os maioraes, não poderia faltar Silvio Caldas. O querido e popular intérprete de nossas melodias, foi felicíssimo ao escolher o samba de Erasmo Silva e Mario Lago, "Gilda". Foi uma das composições mais ouvidas, sendo possível que os carnavalescos não a deixem para trás, dada a beleza de seus versos.

Assim como Silvio Caldas, Dircinha Batista procurou selecionar os seus números para os dias de fo'ia, indo buscar a marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira, "Pirata mão de gancho", Dircinha foi absoluta no páreo feminino, uma vez que a mana Linda não se preocupou com o carnaval, interessada na *tournee* que ora realiza com enorme sucesso.

Ataulfo Alves é outro maioral. Este ano ele deixou os nomes femininos em paz, preferindo sonhar com ela, neste samba que ele mesmo gravou com suas pastoras:

Eu ontem sonhei com ela,
chorei, chorei, chorei.
Não sei viver mais sem ela,
não sei, não sei, não sei.
(Eu confesso que não sei...)

O autor de "Amelia" nos declarou não temia concorrentes, disposto que se achava a levar a melhor no carnaval. Porém, Alberto Ribeiro e Roberto Roberti, afirmam o mesmo, esperando ver vitoriosa a marcha "Ela era bôa", gravada por Déo.

Ainda desse formidável páreo participaram Ciro Monteiro, Odete Amaral, Gilberto Alves e outros mais, fazendo fôrça para que os números por êles gravados atingissem o êxito esperado.

Mas houve muita gente mais que ficou inedita e não conseguiu ser gravada, repetindo com Francisco Alves:

Eu assisti de camarote]
o teu fracasso,
palhaço,
palhaço.
Que gargalha demais
sem pensar no que faz,
quase nunca termina em paz.



Francisco Alves

Ataulfo Alves



Odete Amaral





DONNA REED

INSPIROU CONFIANÇA FRANK CAPRA

DOS FILMES DE HANDY HARDY
A CATEGORIA DE INGENUAS DO
ÚLTIMO FILME DE JAMES
STUART

POR LUPTON SA. WILKINON

(Condensado especialmente para A CENA)

QUANDO Donna Reed aparece na tela é como se um relampago rasgasse o firmamento de Hollywood. E que essa "estrela" tem valor e já conseguiu impor-se à admiração dos cinéfilos. O famoso diretor John Ford então de férias da Marinha, foi quem primeiro a submeteu a *tests* cinematográficos durante nove dias. Os *tests* não constaram de uma só palavra falada. Consistiram apenas de movimentos, gestos, etc. Depois desse tempo John Ford não hesitou em escolhê-la para ser a heroína de "Fomos os sacrificados" (They were expendable). Também, só a um cego poderia ter passado despercebido o seu talento. O produtor-diretor Frank Capra, um dos homens mais habies de Hollywood, bastou botar a vista em Donna Reed para ver nela uma grande artista. Tanto isso é verdade que dispensou toda e qualquer espécie de *test*. Tratou logo foi de negociar com a Metro Goldwyn-Mayer para tomá-la emprestado afim de que ela pudesse aparecer no filme que trará Jimmy Stewart de volta aos estúdios de Hollywood e que se chamará "It's a wonderful life".

Donna Reed é muito elegante e sabe escolher muito bem os seus chapéus. Vemo-la em baixo exibindo dos modelos do seu variado "stock".
EM CIMA — Donna Reed, numa das suas últimas fotografias.



Esse filme pode muito bem ser o mais importante de Hollywood. Para isso deve ser levado em consideração a natureza e a história da idéia de filmar essa película. É uma produção de três grandes ases da cinematografia norte-americana: Frank Capra, William Wyler e George Stevens. Associaram-se e formaram uma nova companhia, a Liberty Films.

Todo frequentador de cinema conhecerá por certo Frank Capra. Seus filmes mais famosos são: "Horizonte perdido" (Lost horizon), "A granfina e o "cow-boy" (Mr. Deeds goes to town), "A mulher faz o homem" (Mr. Deeds goes to Washington), "Do mundo nada se leva" (You can't take it with you), "e outros. William Wyler foi o diretor de filmes de sucessos tais como "Rosa da Esperança" (Mrs. Miniver), "O morro dos ventos uivantes" (Wuthering heights) e outros. George Stevens foi o veterano de "Alice Adams", "The more the merrier", e "Woman of the year", além de outros.

Agora esses "três grandes" da arte cinematográfica arriscam a sua boa reputação, os seus anos de experiência e, sobretudo, o seu capital, para filmarem a primeira película da companhia cinematográfica nascente, bem como é o primeiro filme de Capra e de Jimmy Stewart depois que foram desincorporados do exército.

Mas voltemos à heroína do filme, Donna Reed é filha de um fazendeiro. É uma "estrela" que está no cinema mais para cumprir com a sua sina do que para satisfazer o seu próprio desejo. Está no cinema por que o seu destino era ser artista da tela. Não que tivesse vontade. Tanto assim que depois de já haver trabalhado em alguns filmes deixou espetacularmente o cinema! Mas depois voltou... O seu primeiro sucesso cinematográfico foi quando a Metro, depois dos prévios e clássicos *tests* a incluiu no cast de "O idílio de Andy Hardy" (Courtship of Andy Hardy, ao lado de Mickey Rooney.

Por essa ocasião foi que um crítico de Nova York escreveu: "Cuidado com essa Donna Reed. Daquí a pouco ela estará fazendo o papel de Joana D'Arc ou de Julieta!"... E o famoso empresário do "Chinese Theater" mandou pôr um grande cartaz luminoso ao lado da entrada, no qual podia-se ler o anúncio de "Courtship's com um nome de cada lado, assim:

M. Rooney

L. Stone

E mais abaixo, em letras garrafais:

DONNA REED

Depois falaram em incluir o seu nome no elenco de "Na noite do passado" (Random harvest). Mas o papel foi esboçar nas mãos de outra artista, Susan Peters. Mas um filme de sucesso recente estava reservado para o seu futuro. Teve, ao lado de Hurd Hatfield, um dos seus papéis mais importantes da tela em "O retrato de Derrin Gray" (The picture of Derrin Gray). Devido ao sucesso que fez nessa grande película, baseada naquele famoso romance de Oscar Wilde, foi que ela recebeu o seu novo papel em "Fomos os sacrificados", sob a direcção de John Ford e em que teve oportunidade de aparecer ao lado de Robert Montgomery, no seu primeiro filme depois que deixou as forças armadas e de John Wayne. Agora poderemos vê-la noutra grande papel em "It's a wonderful life".

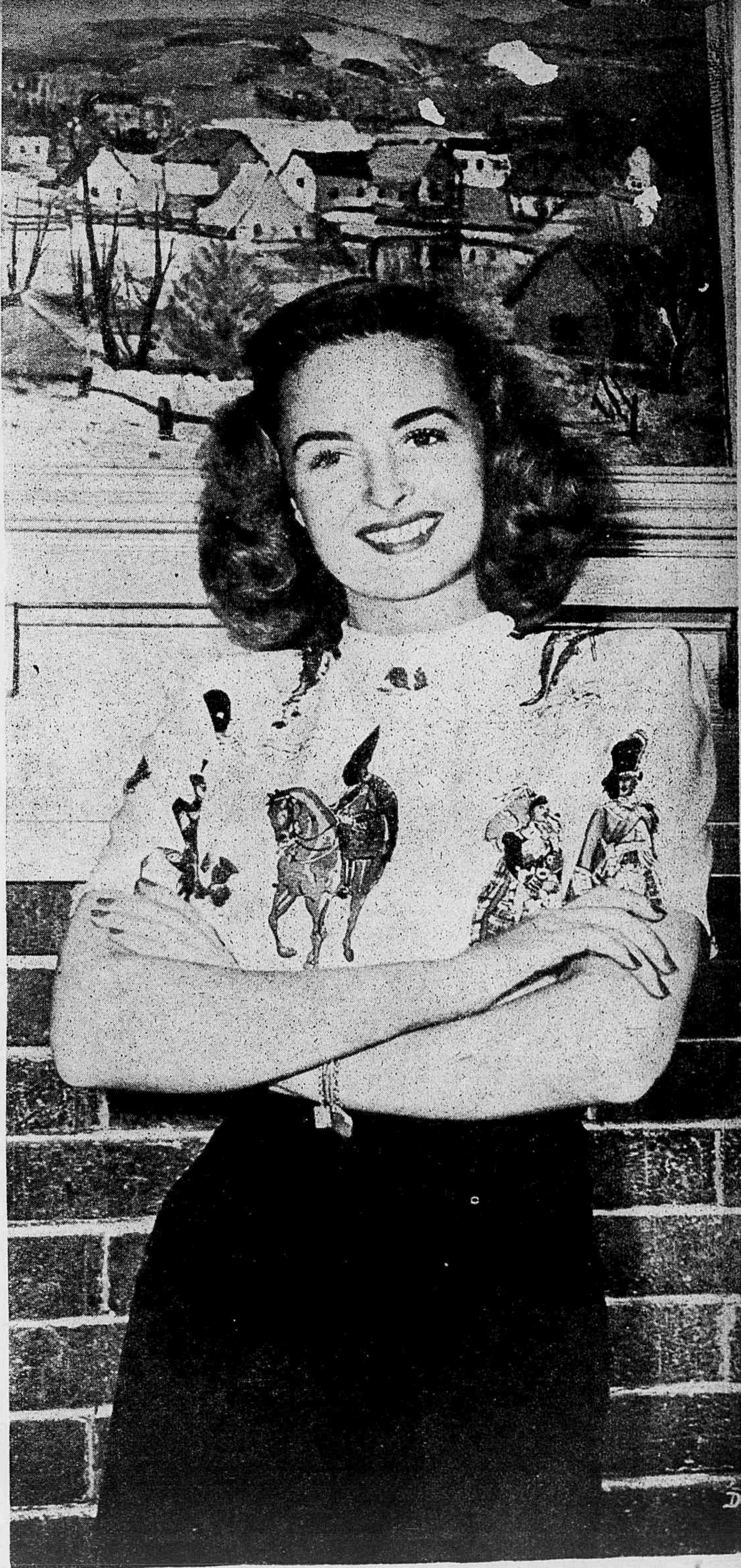
Quando vivia na fazenda de seu pai, em Iowa, Donna Reed trabalhava na cozinha, lavava roupa, ordenhava as vacas, passava as roupas a ferro e realizava outros afazeres domésticos. Depois passou a estudar numa escola da região. Desde então foi que começou a pensar em entrar num trem, deixar a casa paterna e ir começar a vida trabalhando para a sua própria manutenção num lugar qualquer. Tinha uma tia que morava em Los Angeles e esta lhe escreveu então: "Por que não vem viver comigo, para frequentar um colégio aqui? Depois você poderá voltar para Iowa e terminará os seus estudos na Universidade."

A "estrela" aceitou o convite da tia e foi assim que passou a estudar no City College of Los Angeles.

Carey Wilson, diretor dos filmes da famosa série Andy Hardy para a Metro-Goldwyn-Mayer gostava de convidar os alunos dos colégios e cursos superiores de Los Angeles para irem ao estúdio da sua companhia, com o

(Continua na página 34)

Donna Reed na intimidade, em seu lar





Audrey Totter é, realmente, esquisita... Mas Robert Montgomery a escolheu para o primeiro papel de "Lady in the lake" Audrey foi professora de uma escola, protestante, antes de entrar para o cinema. — Outra atitude da estranha Audrey Totter, que ninguém sabe dizer se é feia ou bonita, mas todos acham interessante...

AUDREY TOTTER E' ESQUISITA...

MAS FOI POR ISSO MESMO QUE ROBERT MONTGOMERY A ESCOLHEU PARA O PRIMEIRO PAPEL DE *LADY IN THE LAKE*

POR JAMES ARTHUR
(Especial para a CENA)

As "estrelas" da tela quase sempre atingiram essa carreira das mais esquisitas maneiras. Mas nenhuma caso foi tão típico e interessante como o de Miss Audrey Totter. E' que esta jovem começou a ganhar sua própria vida como professora de uma *Sunday school*, onde ministrava aulas de história sagrada todos os domingos. E de acordo com a opinião da própria artista, foi devido a essa sua primeira profissão em Joliet, no Estado de Illinois, que veio a ser mais tarde "estrela" do cinema norte-americano.

Nessas aulas foi que começou a definir-se o meu talento artístico, se posso dizer assim — acrescentou ela.

Quando Audrey Totter foi contratada para lecionar numa dessas escolas dominicais teve a intuição de fazer representar para seus alunos certas passagens da história sagrada, essas que vêm narrados na Bíblia.

— De acordo com a minha própria experiência — disse ela — eu sabia que aquelas admiráveis histórias eram muito insípidas quando apenas lidas ou narradas perante uma classe de meninos. Julguei, então, que se elas fossem representadas arrancariam interesse dos meus alunos. Depois disso, tornava-se mais

(Continua na pág. 33).

WALTER PIDGEON QUERIA SER MARUJO

Bancário, "canastrão", cantor e "astro" famoso.

(Por PERY RIBAS — Especial para A CENA)

QUANDO menino, o seu grande desejo era ser marinheiro, para viver uma vida de grandes aventuras. Nunca foi marinheiro porém, sua vida tem sido uma série de aventuras. E, por seus inúmeros papeis no cinema, poderíamos chama-lo um aventureiro internacional...

Durante a primeira guerra mundial, pronto para embarcar rumo aos campos de batalha da França, sofreu um grave acidente e sua vida esteve por um tris. Durante dezessete meses, esteve num hospital. Quando teve alta, faltava um mês para ser assinado o armistício...

Transportou-se para Boston e ali arranhou emprego num banco. Entretanto quando menino, Walter havia cantando em comédias representados no colégio e pensou em tornar-se cantor. Não lhe agradava a vida rotineira

de bancário. Começou a estudar canto. Quando se julgou apto como cantor profissional, procurou o empresário da Copley Players e pediu-lhe uma chance. O empresário atendeu-o, porém, em vez de cantar, Walter devia representar. E Pidgeon cantava bem, mas representava mal... Era um verdadeiro canastrão! Fracassou. Entretanto, não desanimou. Por intermédio de Fred Astaire, conseguiu trabalho em certa produção de Charles Dillingham e Arthur Hammerstein, na Broadway. Novo fracasso. Em consequência dele, o artista regressou ao Canadá, sua terra natal. Foi aí que lhe surgiu a sonhada oportunidade, como cantor. Ele soube que Elsie Janis andava procurando um cantor para acompanhá-lo numa *tournee*. Apresentou-se a Elsie e obteve o lugar. Alcançou sucesso absoluto nessa *tournee*, que durou

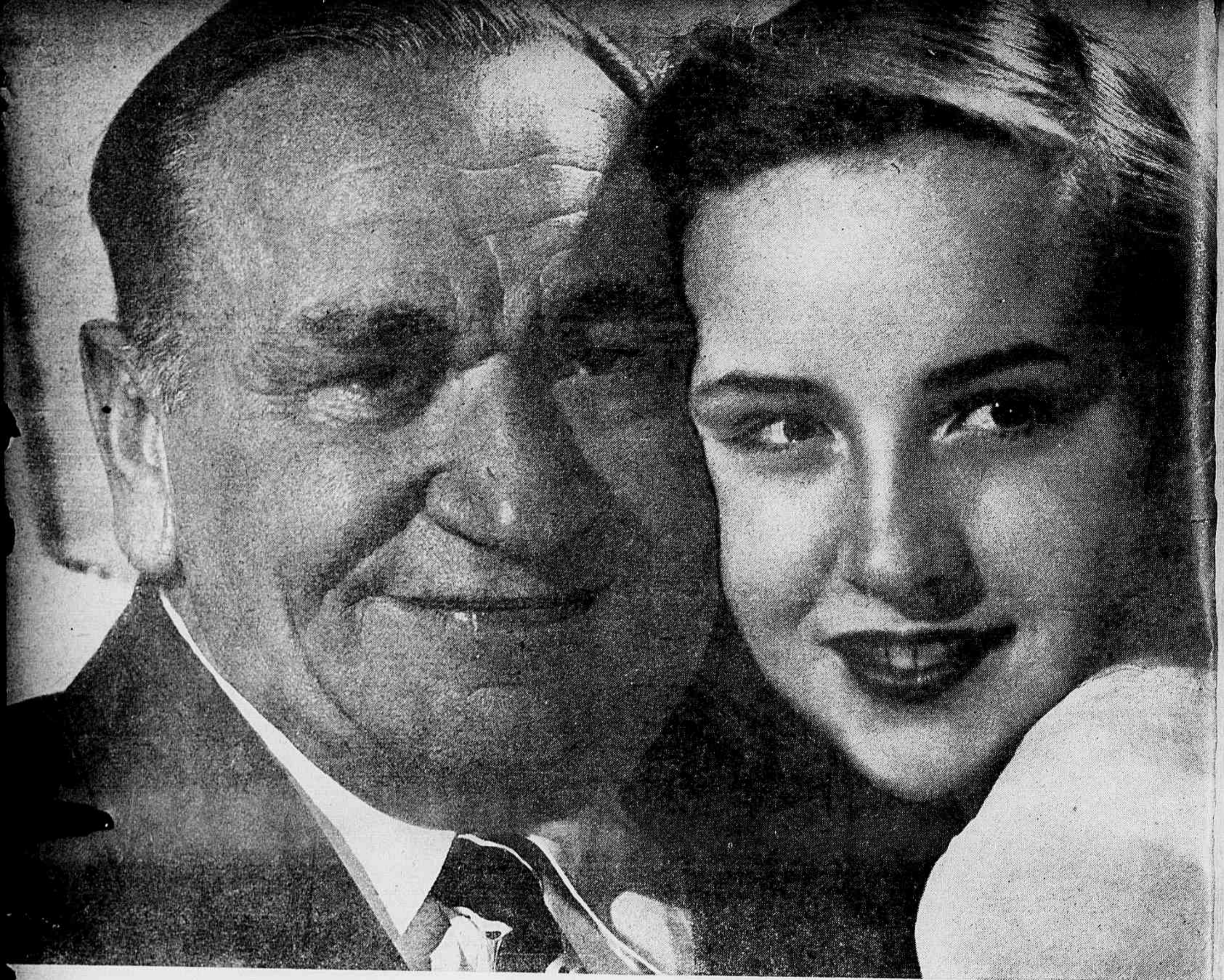
Walter Pidgeon e Claudette Colbert, dançando o "jitterbug", em "The Secret Heart".



Walter Pidgeon

seis meses. Apareceu, depois, numa "revista" musical, em Londres. De volta aos Estados- Unidos voltou à Broadway, desta vez como "astro". Seguiu-se uma série de triunfos. Levaram-no para o cinema. Estreou em Hollywood em boa companhia: com as irmãs Norma e Constance Talmadge. Logo depois, a Paramount deu-lhe o principal papel em "Manequim", ao lado de Dolores Costello, a esposa de John Barrymore. Começou a firmar seu prestígio como artista de cinema, aparecendo em vários filmes silenciosos importantes. E, quando o cinema começou a falar, ele foi dos atores em maior evidência, nos primeiros *talkies*. Pidgeon, porém, era artista de teatro e sentiu nostalgia da Broadway... Regressou a New-York e colheu novos triunfos. Mas, se a nostalgia da Broadway o fizera abandonar o cinema, o ator ficara com o micróbio de Hollywood. E, de retorno à California, aceitando um contrato da Metro, para trabalhar no derradeiro filme da *platinum-*

blonde Jean Harlow — "Saratoga". Seguiram-se outras películas, em Culver City e em outros estúdios. "Estrelou" uma série de filmes como Nick Carter. Alcançou um grande sucesso em "Como era verde o meu vale". Sucesso ainda maior, em "Flores do pó" e "Roxa de Esperança", com Greer Garson. Depois... "Madame Curie" e "Mrs. Parkington..." Hoje, Walter Pidgeon é um dos nomes mais famosos de Hollywood. Mais famoso que o cantor que não soube representar na sua primeira peça... e o marinheiro que queria conhecer os sete mares do mundo... Walter Pidgeon (é este o seu verdadeiro nome) tem 48 anos. É casado com Ruth Walker. Quando cantava na Broadway, gravou discos na Victor. Terminou há pouco, "Romance no México" (Holiday in Mexico), com José Iturbi, Roddy McDowall, Jane Powell, Ilona Massey e a orquestra de Xavier Cugat, e agora está interpretando "The Secret Heart", com Claudette Colbert e June Allyson.



EM CIMA: — Wallace Beery, ao lado de sua filha adotiva, Carol Ann Beery. EM BAIXO: — Wallace Beery, que acaba de filmar "M. Gurk, o poderoso"

WALLACE BEERY

ESTA' DE NOVO EM FORMA...

JÁ REASSUMIU O SEU POSTO EM CULVER CITY E VEM AÍ
EM *MCGURK, O PODEROSO*.

POR WILL EDWARDS

(Do "Cine-Press Service" — Especial para a CENA)

WALLACE BEERY, o tipo perfeito de malandro bonachão e de homem rústico, que foi por muitos anos um dos artistas que maiores êxitos de bilheteria alcançaram, está ainda em plena forma e acaba de voltar às suas atividades cinematográficas depois de uma pequena enfermidade e um breve período de férias. E desta vez vem acompanhado de garotinho de 10 anos chamado Dean Stockwell.

Em "McGurk, o poderoso" (The mighty McGurk), um dos últimos filmes da Metro-Goldwyn-Mayer Beery desempenha o papel central de uma história sobre a vida de um homem e de um menino — história que será capaz de falar ao coração dos espectadores dos dois sexos e de todas as idades. No papel de Slag McGurk, orgulhoso ex-campeão de box, Beery acha que é fraqueza sua deixar que os outros saibam que ele tem um coração. É rude, severo, dominador, mas acaba descobrindo que também tem lá as suas fraquezas... próprias dos outros homens!

Muitos dos memoráveis filmes passados de Wallace Beery incluíram nos seus elencos grandes artistas infantís, entre os quais Mickey

(Continua na página 31).



O produtores e diretores do Hollywood gostam de ter Thomas Mitchell no elenco de seus filmes. Isso é uma prova da alta consideração que lhe concedem em troca do autêntico talento artístico do popular ator. Fazendo a seu respeito, listou-se uma grande "estrela" da capital do cinema:

— Sempre que Thomas Mitchell aparece numa cena é para valorizá-la e dar maior expressão dramática à película.

Se os leitores nos perguntarem qual o segredo da personalidade de Thomas Mitchell diremos que esse segredo — se é que isso chega a ser segredo — reside na sua simpatia e que esta simpatia está na sua arte de fazer amigos. O conhecido artista da meca do cinema possui um talento polimorfo por assim dizer.

Começou a ganhar a vida em Elizabeth, no Estado de Nova Jersey, onde nasceu no dia 11 de Julho de 1895. Seu irmão mais velho, Jimmy, era correspondente de jornais de Nova York e empregou o artista como seu auxiliar (talvez só para espantar a sua mesa e levar correspondências ao correio), quando Thomas tinha apenas 11 anos de idade. Mas a idéia de trabalhar no teatro sempre esteve presente no seu pensamento. Trabalhou mais tarde como repórter, por influência do irmão, mas quando completou dezanove anos de idade não teve dúvidas em abandonar tudo para se dedicar de corpo e alma àquilo que representava e representa ainda a sua verdadeira vocação: a arte de dramática. Arranjou o seu primeiro papel numa peça teatral e fez algum sucesso no palco. Nas peças subsequentes em que apareceu destacou-se com



A ESQUERDA: — Thomas Mitchell, um dos mais dinâmicos "astros" de Hollywood. Além de bom ator característico ele é diretor e escritor de argumentos. AO ALTO: — Thomas Mitchell ao lado de Olivia de Havilland, que por meio de um truque cinematográfico aparece fazendo o duplo papel de duas gêmeas, numa comovente cena do seu último filme "Espelho da alma" ("The dark mirror"). O artista faz o papel do detetive "Tenente Stevenson".

THOMAS MITCHELL, UM AUTÊNTICO VALOR

É uma das figuras de "Espelho da alma", notável realização de Siodmak para a Universal.

por BRIAN YOUNG

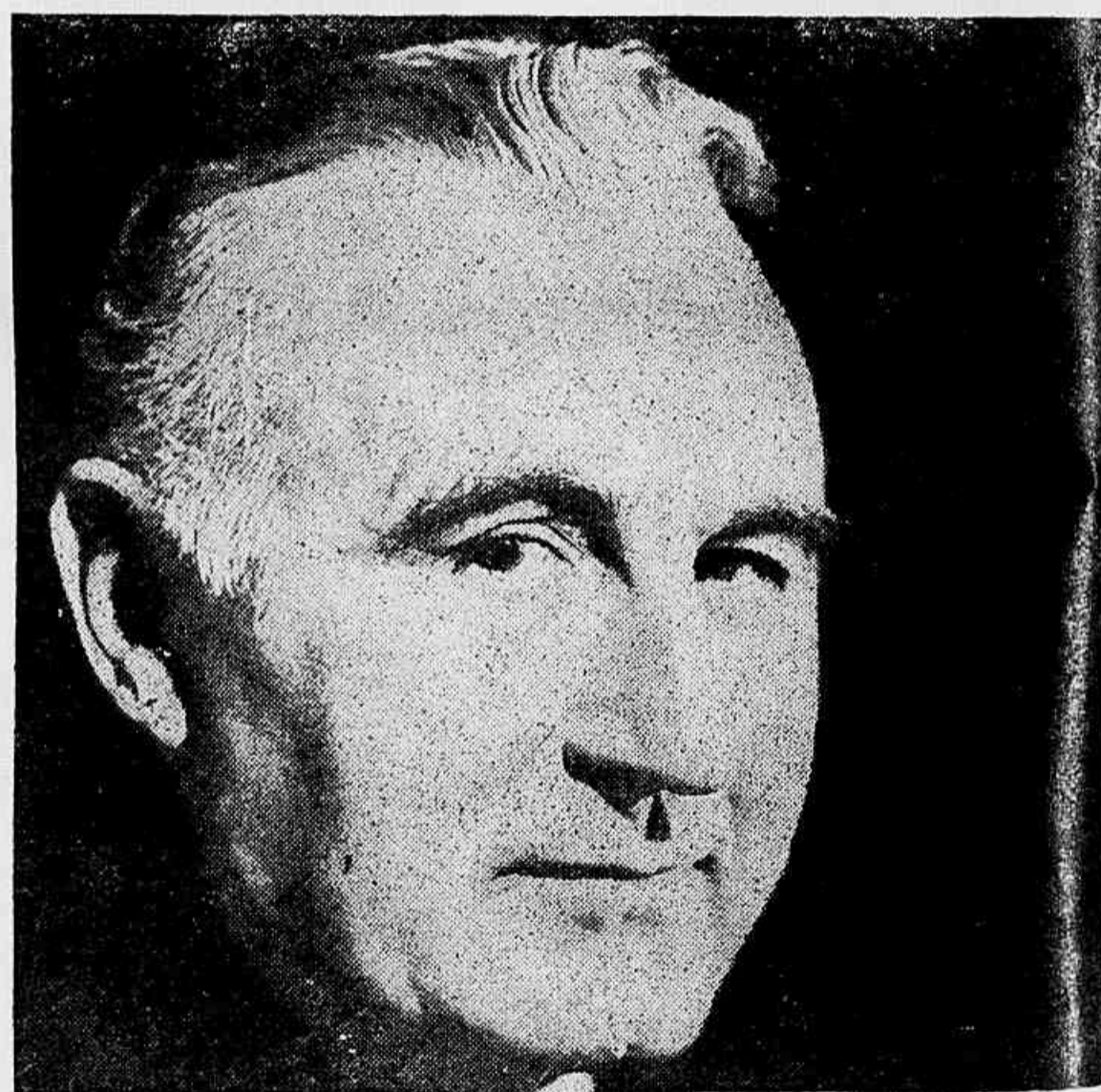
(Do "Cine Press Service", especial para a CENA)

o desempenho seguro de seus papeis e logo se impôs à admiração do público e (o que é, aliás, mais importante na vida de um artista que inicia a sua carreira)

dos empresários... É pertencente ao grupo de artistas de Hollywood, que não limitaram o seu talento a arte de representar.
(Continua na pág. 31)



DOROTHY MALONE, é uma das mais interessantes *starlets* da nova geração de Hollywood, e os *Jans* já tiveram a oportunidade de conhecê-la embora em pequeno papel, naquele filme de Joan Leslie, Robert Hutton e Dolores Moran, "Juventude impetuosa", da Warner Brothers. Ela é uma das *tomorrow's stars* mais prometedoras e a popularidade que já conseguiu, apenas em seus três primeiros trabalhos, é enorme, motivo porque os produtores de Burbank tem grandes planos para a jovem artista. Dorothy Malone, que usa no cinema o seu próprio nome, nasceu em Chicago, no dia 30 de Janeiro de 1925. Muito moça, dona de perturbadora personalidade e muita perseverança, Dorothy irá longe, não sendo de admirar se o seu nome aparecer encabeçando elencos, muito breve. A novel atriz tem papéis destacados em "A beira do abismo" (The Big Sleep), de Bogart e Bacall e "Canção inesquecível" (Night and Day), de Cary Grant e Alex Smith.



DONALD CRISP, o notável ator inglês que tantos e tão admiráveis trabalhos tem apresentado desde os remotos tempos do cinema silencioso, como o brutamente de "O lírio partido", de Griffith, com Lillian Gish e Richard Barthelmess, e o velho Scott em "O vale da decisão", no qual quase roubou o filme de Gregory Peck, nasceu em Londres, e foi educado na Universidade de Oxford. Foi diretor teatral e assistente de Griffith — na direção do famoso clássico da tela "O nascimento de uma nação". Já dirigiu muitos filmes da Biograph e, posteriormente, dirigiu outros na Paramount, Mutual, Pathé, De Mille (Producers Distributing), United-Artistas. Neste última, dirigiu o saudoso Douglas Fairbank Senior, em "Don Q. — o filho de Zorro". Há muito, entretanto, tem trabalhado apenas como ator. Donald Crisp, que breve veremos em "A mocidade é assim mesmo..." (National Velvet), interpreta agora "Ramrod", produção da Enterprise, com Joel Mc Creia e Verónica Lake, que será distribuída pela Metro.

ANGELA LANSBURY, a criadinha de "A meia lua" e a cantora apaixonada por Dorian Gray, no filme de Hurd Hatfield, tirado do livro de Oscar Wilde, é filha de Moyna Macgill (a atriz britânica que ainda há pouco, vimos em "Beleza indomável") e sobrinha do grande ator Richard Mantell. Nasceu em Londres, a 16-10-1929. Veio para os Estados-Unidos em 1940, juntamente com outros adolescentes, refugiados do *blitz* aéreo da Luftwaffe. Na América, tentou a Broadway, mas nada conseguiu. Foi no Canadá, num *night club*, que iniciou sua carreira. Quando sua progenitora foi para Hollywood, Angela transferiu-se para a cidade do cinema e não tardou em conseguir o papel de Nancy na película de Ingrid Bergman e Charles Boyer. Depois, apareceu em "A mocidade é assim mesmo..." (National Velvet), que ainda não vimos, "Dorian Gray", "Ouro no barro" e "As garçonnets de Harvey" (The Harvey Girls). E, a jovem "estrela" continua subindo... Conquistou, também, o coração do veterano Richard Cromwell, com o qual casou, e terminou "Bel Ami", na U. A., com George Sanders, outro grande filme.

CARAS E CARETAS

Notas gráficas sobre personalidades em foco

Exclusividade de "A CENA"



LAUREN BACALL, a esposa de Humphrey Bogart, chama-se na realidade Betty Pletsky e nasceu em New-York City, no dia 16 de Setembro de 1924. Era modelo de uma famosa casa de modas e foi descoberta pela esposa do diretor Howard Hawks, para o filme que este ia dirigir com o famoso "astro" da Warner — "Uma aventura na Martinica". O resultado é que durante a filmagem nasceu um verdadeiro romance, independente do da história de Hemingway... e, logo depois, o "mocinho" e a "mocinha" casavam na vida real! É a quarta Mrs. Humphrey Bogart e tudo faz crer que desta feita o popular ator encontrou realmente a felicidade... Depois de seu filme de estréia, Lauren interpretou "Quando os destinos se cruzam", com Charles Boyer, aquela película anti-franquista em que o nosso correspondente em Hollywood, Luís Serrano fez um "extra". Agora, o casal Bogart foi reunido novamente pela Warner em "A beira do abismo" (The Big Sleep), de uma novela de Raymond Chandler, outra vez dirigido por Howard Hawks.



FAY BAITER, nasceu em Los Angeles, Cal., no ano de 1893, tendo feito sua estréia no teatro com 16 anos, tornando-se mais tarde, uma artista famosa na Broadway. Seu primeiro filme foi na Metro, ao lado de Lionel Barrymore e Mae Clarke, e teve no Brasil o título "A família". Desde então, Fay tem aparecido em muitos filmes sobre famílias norte-americanas, entre eles: "Jezebel", com Bette Davis; "A mulher proibida", com Joan Crawford e Margaret Sullavan; "Filhas corajosas", da famosa série "Quatro filhas", com as irmãs Lane; "O jovem Thomas Edison" e "A comédia humana", com Mickey Rooney; "Vítimas do divórcio", com Maureen O'Hara; "Nossa cidade", com Martha Scott e William Holden; "A Cruz dos Anos", uma das obras primas do cinema; "Aço da mesma tempera", onde teve um notável papel de esposa egoísta; e "Corações enamorados". A grande atriz vêm de aparecer em "Suprema decisão" (The Virginian), da Paramount, e na comédia de Danny Kaye, "Um tigre domesticado" (The Kid from Brooklyn), da RKO.



EDWARD NORRIS, já foi marido de uma das mais belas "estrelas" de Hollywood — Ann Sheridan. Naquela época, porém, Ann fazia papéis quase secundários nos filmes da Paramount. Ainda não lhe haviam descoberto o famoso *emph...* Eddie, nasceu em Philadelphia, Pa., e foi educado na Academia Militar de Culver. Sua primeira profissão foi a de jornalista, mas, apesar de revelar-se bom repórter, abandonou o ofício e tentou o teatro, sua verdadeira vocação. No teatro passou para o cinema, onde teve sua época, em papéis de *gangster*. O filme de sua estréia foi, nada menos, que o inimitável "Rainha Cristina", a grande película histórica de Ruben Mamculian que reuniu pela última vez a dupla romântica mais famosa do cinema: Greta Garbo — John Gilbert. Outro grande sucesso em que apareceu foi "A vida de Dr. Ehrlich", com o seu "xará", Edward G. Robinson. Seus filmes mais recentes são: "O crime de music hall" (Murder in the Music Hall) na Republic, e "Suspense" e "Decoy", na Monogram.



LEE BOWMAN, pode não ser dos atores mais simpáticos do cinema, porém, é um dos galãs de maior sorte em Hollywood. Sua carreira cinematográfica, iniciada precisamente há dez anos, em "O último trem de Madri", "Conheci-o em Paris", e outros filmes da Paramount, nunca sofreu solução de continuidade, e até a presente data ele já interpretou perto de nada, menos de quarenta celulóides, na empresa citada, e nos estúdios da RKO, Metro, Universal, United-Artistas e Columbia. Foi durante a guerra que ele começou a ganhar grande popularidade, principalmente depois de "Modelos", com Rita Hayworth, apesar de não desposá-la no final do filme... Lee, nasceu em Cincinnati, Ohio, a 28 de dezembro de 1914. Trabalhou no teatro e foi cantor de rádio, antes de tentar o cinema. Entre os seus melhores papéis figuram o do protagonista de "Um assassino de luvas" e o de "Patrulha de Bataan". Seu filme mais recente é "Smash-Up", na Universal, com Susan Hayward e Marsha Hunt.



George Murphy, tendo ao colo sua filhinha Melissa.

GEORGE MURPHY

ESTA' SUBINDO DE COTAÇÃO...

A METRO DEU-LHE PAPEIS DE DESTAQUE EM "TENTH AVENUE ANGEL" E EM "THE ARNELO AFFAIR — UM POUCO DE SUA VIDA.

POR JAMES ARTHUR

GEORGE MURPHY é um desses artistas que nos dão a impressão de que nasceram mesmo para o cinema. Unicamente para o cinema. É que George Murphy fez o seu curso colegial, entrou para uma

Universidade, fez-se engenheiro, mas acabou sendo artista da tela. A Metro-Goldwyn-Mayer acaba de filmar a sua última película, "Tenth Avenue Angel", na qual o popular ator aparece ao lado de Margaret O'Brien,

a talentosa "estrela infantil" da terra do cinema.

Mas como George Murphy passou de engenheiro que trabalhava numa mina, com o explorador das riquezas do sub-solo, a "estrela de Hollywood"? Tudo isso é uma história muito curiosa. Era na Pennsylvania, numa fria manhã. Alguns homens entraram para um elevador que, iria transportá-los para o interior da terra a cerca de centenas de pés, de profundidade. Essa mina era de carvão de pedra. Um dos componentes do grupo deu uma olhadela para o interior da escavação da mina e disse:

— Sinto-me feliz em trabalhar nesse escritório.

E quem pronunciou estas palavras foi um sujeito que naquele tempo era completamente desconhecido nos meios artísticos de Hollywood, mas que já se chamava George Murphy. Um sujeito divertido e alegre êsse George! T

sempre uma dito jocoso a propósito de tudo. E uma ironia fina a dizer.

O certo é que o elevador deixou o grupo de homens no subsolo, onde eles começaram o seu trabalho árduo e penoso. Já haviam trabalhado durante algum tempo quando notaram uma fenda no teto da escavação que estavam fazendo. De súbito pararam com o serviço a trataram foi de fugir dali.

— Vamos, rapazes! — gritou alguém. — Saíam daqui o mais depressa possível.

Correram todos em direção do elevador. Ainda bem não haviam dados alguns passos, as muralhas ruíram e um ruído seco quebrou o silêncio e abalou o interior da terra. Uma nigérrima escuridão envolveu todos quantos se encontravam naquele sítio subterrâneo. Ouviram-se gritos, praguejamentos... E um dos homens do grupo gritou a toda força de seus pulmões:

— George! Murphy! Você não se machucou?

— Não — respondeu a voz de Murphy — Estou bem... Mas eu gostaria que o sujeito que está pisando na minha cara estivesse usando luvas de pelica nos pés...

Até mesmo nas mais críticas situações ele não deixa de dizer uma pilhéria chistosa. Todo o mundo riu, apesar de estarem todos aflitos naquela ocasião.

Levantando-se do chão onde se encontrava e comentando o fato, acrescentou George Murphy:

— Deve haver um meio de vida mais cômodo do que este...

Entraram para o elevador e começaram a subir em busca do ar livre, da superfície da terra. E quando todos avistaram o buracinho por onde entrava a claridade do dia acima de suas cabeças, que era justamente a saída daquela escavação, George Murphy comentou cheio de convicção:

— A réstea de luz solar que entra por essa abertura representou para mim o *spot-light* de um palco de teatro...

Quando pisou a superfície da terra, então, compreendeu que trabalhar como engenheiro numa mina de carvão de pedra não era a sua vocação. E quando entendeu de procurar outra profissão com que pudesse ganhar a vida não hesitou em procurar o teatro. Em suas próprias palavras:

Continua na pág. 34



EM BAIXO: — George Murphy em uma cena de "Um crime maravilhoso", com Pat O'Brien e Carole Landis. EM CIMA: — George Murphy, em "Um Crime maravilhoso" (Havnig wo dz-fal-time), muito bem amarrado à louca Carole Landis.





OS MELHORES SEGUNDO A CRÍTICA

Em primeiro lugar, a película **Brasil ainda não viu** — Conte

Por BOSLEY
(Condensado de)

U A dos movimentos mais sensacionais verificados ultimamente no domínio da crítica cinematográfica foi sem dúvida nenhuma o que teve por fim selecionar os "melhores filmes" do ano de 1946 a serem premiados. Nada mais agradável para quem faz crítica de cinema do que uma oportunidade para elogiar a indústria cinematográfica. Desta vez, porém, nós os críticos não temos, infelizmente, razão para tecer elogios aos estudiosos produtores de Hollywood.

Isso porque consideramos baixo nível de produção no que diz respeito à qualidade. Basta dizer que dos dez filmes escolhidos para serem contemplados como os "melhores" do ano próximo findo cinco, exatamente a metade vieram do estrangeiro.

Ficaram assim distribuídas as películas vencedoras no certame: cinco dos Estados Unidos, três da Inglaterra, um da Itália e um da França. E isso é uma prova que quem diz ser Hollywood "árido de idéias" não sabe à toa.

Os melhores dos "dez melhores" são exatamente filmes que não saíram dos estúdios de Hollywood e sim de estúdios estrangeiros.



Em cima: — O trio central de "Anos de Ternura" (The Green Years) Tom Drake, Charles Coburn e Beverly Tyler. Em baixo: — Ingrid Bergman e Cary Grant os intérpretes de "Interlúdio" (Notorious). Esses dois filmes até esta data ainda não foram exibidos no Brasil, mas a Metro já prepara o lançamento de "Anos de Ternura".



FILMES DE 1946, MELHORES AMERICANAS

americana "Cidade Aberta", que o
adidas três fitas inglesas e uma

ROWTHER
(New-York Times)

Tenho a impressão de que os filmes americanos
serviram apenas para completar o número
destal leido... Como sempre acontece nos
dessa natureza, as qualidades levadas
em conta pelos julgadores foram: a técnica,
o interesse da narrativa, alguns aspectos de
produção e o valor da película como "meio
de divertimento" para o público. O julgamento
não se baseiou nos sucessos de bilheteria alcan-
çados por êste ou aquele filme, pois, como se
sabe, os que são reconhecidamente excelentes
pela crítica nem sempre conseguem tais suces-
sos.

Deu a seguir a lista completa dos "dez
melhores filmes" de 1946, seguindo a ordem
em que os mesmos foram exibidos na Broadway
perante os críticos que os julgaram:

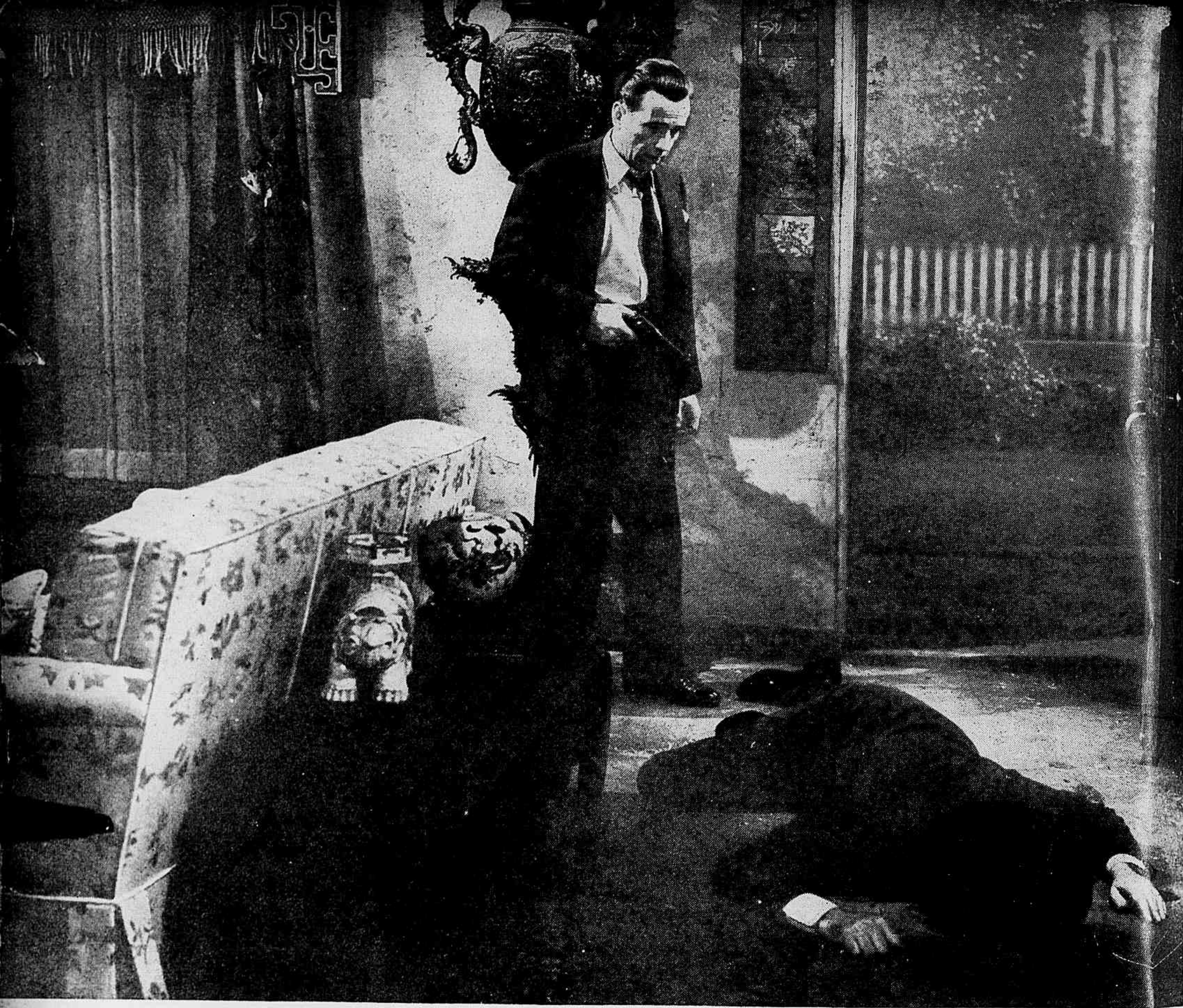
1º — "Open City", produzido na Itália
pela Excelsa Films. Roberto Rossellini foi o
seu diretor e sua história foi escrita por Sergio
Amadei e F. Fellini. É um drama da resis-
tência subterrânea contra os nazistas na Itália
de Mussolini e faz com essa película seja a de

Continua na pág. 34

★

Em cima: — Dana Andrews, que figurou em
"Um passeio ao Sol" e em "The Best Years of
Our Lives" em uma cena desse filme, com Ter-
rence Wright. Em baixo: — Cena do filme inglês
"Escarlote V", com Laurence Olivier, (protago-
nista e diretor) e Renée Asherson, como a prin-
cesa Katharina. A Academia de Artes e Ciências
Cinematográficas, de Hollywood, acaba de con-
ceder a primeira dessas películas a melhor de
1946 e a inglesa a segunda.





É o inimigo tombou... (Cena de "A' beira do abismo") (The big sleep), com Humphrey Bogart e outro figurante.

A' BEIRA DO ABISMO

(CONCLUSÃO)

Dir-se-ia que naquela noite ele estava fadado a andar às voltas com as filhas de Sternwood. Após ter deixado Vivian na velha residência situada nas proximidades dos poços de petróleo abandonados, voltou para a cidade e dirigiu-se para o seu apartamento. E na sua sala de estar encontrou Carmen, que sorriu ao ver a sua cara espantada. Tudo indicava que ela mostrara ao porteiro o cartão de Marlowe, dizendo ter um encontro marcado com ele.

Foi preciso todo o seu poder de persuasão para fazê-la retirar-se. Quando ela saiu, Marlowe foi ao banheiro e passou desinfetante nas mãos que a tinham posto para fora do apartamento. Era o que tinha vontade de fazer, quando tocava em Carmen Sternwood, de olhos buliçosos e rostinho de criança, de faces rosadas e cabelos cor de ouro — uma caricatura mal feita da beleza impecável da irmã.

Foi na manhã seguinte que Bernie Ohls lhe transmitiu a ordem da polícia, para que se afastasse do caso. A ordem fora dada pelo próprio procurador. O general Sternwood solicitara ao filho do velho amigo que desse tudo por encerrado.

— Mas eu já não estou cuidado disso, — explicou Marlowe. — Até já acertamos as nossas contas.

— Não é o que Sternwood diz. E eu lhe direi em que mais ele pode estar pensando. É que você está tentando conhecer os podres da família dele, para depois explorá-lo. O melhor é você não se meter mais com isso, meu velho. Compreendeu?

Marlowe acenou com a cabeça, meio contrariado. — Compreendí. Do contrário, cessarão a minha licença.

Quer dizer que estava aumentando o número de pessoas interessadas em que ele não tentasse descobrir o paradeiro de Shawn Regan, Sternwood, Vivion. O procurador...

E Bernie. Quem mais? E, o que era muito mais importante, por que? Regan era a chave do mistério, mas faltava exatamente a chave.

Ao meio-dia, um meio dia triste e chuvoso, recebeu um telefonema de Vivian, que parecia ter solucionado todo o problema. A voz dela pareceu-lhe aveludada, mas firme. — Encontrei Shawn — disse. — Partirei agora mesmo para ir ao encontro, dele. Talvez vá para o México. Pode atrelar os seus perdigueiros.

Mentia, era claro. Mas, por que? Era o que Marlowe queria saber. Uma visita à

casa dos Sternwood convenceu-o de que de fato a filha mais velha do general tinha partido, com malas e bagagem. Mas duvidava que houvesse ido para o México. Ou mesmo para os braços de Shawn Regan.

Isso foi apenas o começo de uma tarde que se revelou repleta de acontecimentos espantosos. Eis um deles: uma emboscada, em que o apanharam de jeito, e de que lhe ficara apenas a lembrança de uma voz gutural, a dizer: "É" assim que o aconselhamos a dar o fora". Eis outro: a visita de um tal Harry Jones, um tipo magro e esquisito, que tinha qualquer coisa a vender-lhe, por pouco preço. Harry Jones, assim parecia, tinha-se ligado a Agnes. Os dois comprometiam-se a descobrir o paradeiro de Regan.

Marlowe ouviu tôda a história atentamente. Pagaria os duzentos dólares, para saber acende fora a esposa de Mars, também desaparecida, e cujo paradeiro o dito Jones dizia conhecer.

— Agnes encontrou-a — explicou o tipo. — Ela lhe dirá... quando tiver o dinheiro na mão. É uma proposta justa, Sr. Marlowe.

Marlowe estava comprando. — Duzentos "paus". Preciso ir ao banco.

— O Sr. conhece o escritório de Puss Walgreen, no Edifício Fulwider? Estarei lá a sua espera, às 7 da noite. Leve o dinheiro, que eu o levarei a presença de Agnes.

Marlowe estava na hora do encontro, na hora exata. Mas tomou a precaução de entrar no lugar convencionado por uma porta lateral, em vez de pela porta da frente. Por isso viu Harry Jones ser assassinado, com a carga de

chumbo que estava reservada para êle. Uma outra pessoa comparecera ao encontro, mas um pouco mais cedo. E esta pessoa era um criminoso profissional chamado Canino. Um criminoso assalariado por Eddie Mars. As últimas palavras que êle dirigiu a Jones revelaram o fato. "Você foi procurar esse tal de Marlowe. A culpa foi sua. Eddie não gostou. E quando Eddie não gosta o resultado é fúnebre".

Marlowe vira e ouvira tudo. Mas não interferira. Em primeiro lugar, porque, de acordo com o código do próprio Harry Jones, um camarada faz o seu jogo e ninguém deve intrometer-se. Em segundo lugar, porque Agnes com certeza iria ao escritório, quando visse que Harry não aparecia com o freguês. E Marlowe queria esperá-la.

Ela chegou pouco mais ou menos meia hora depois, tendo êle ficado êste tempo todo sentado no escuro, contemplando o cadáver estendido atrás da escrivaninha. Tendo explicado que Harry se retirara da cidade às pressas, Agnes concordou em tornar a procurá-lo em determinada esquina, sob a chuva, daí a meia hora.

Desta vez nenhum Canino interferiu no negócio. Agnes recebeu o dinheiro, com o qual pretendia deixar a cidade, uma vez que o tempo esquentara demais para que nela permanecesse uma amiga de dois homens assassinados: Geiger e Brody. Mas entregou a mercadoria prometida.

— Eu e Joe passeávamos de automóvel pelo Foothill Boulevard, há algumas semanas. — Pela voz, parecia estar falando verdade. Estava já muito amedrontada, para fingir. — Passamos por um carro, em cuja direção ia a pequena. A mulher de Eddie Canino, o guarda-costa dêle, ia com ela. Enchemo-nos de curiosidade, e Joe acompanhou-os. A uma milha para leste de Realito, há um atalho. Um tipo chamado Art Huck é dono de uma garage...

*

A chuva continuou caindo, durante muito tempo depois de Marlowe se ter despedido para sempre, da jovem que tanto Joe Brody como Harry Jones haviam desejado. Os sinais da estrada de Realito mal podiam ser vistos, à luz dos faróis do automóvel de Marlowe. Mas a uma milha além da cidade, exatamente no lugar a que Agnes se referia, avistou a garage com a saleta envidraçada nos fundos.

Marlowe observara-a cuidadosamente, antes de esvaziar dois pneus do carro e se aproximar para pedir ao garagista que os enchesse. Se quisesse provas do motivo que o levava até ali, êle as teria na recepção que lhe foi oferecida. Art Huck recebeu-o de armas na mão, e não era de se presumir que armas fizessem parte do equipamento de um posto de serviço. E recebeu-o em companhia de outra pessoa: Canino. Além de que estava ocupadíssimo. Estava pintando dois carros. Um dêles era o Packard de Vivian.

Foi Canino quem instou com o relutante Huck para que enchesse os pneus do automóvel de Marlowe. Foi Canino que, hospitaleiramente, aconselhou Marlowe a esperar na saleta



Parece que aí está um morto entre dois vivos que se amam. (Cena de "A beira do anismo" (The big sleep), com Lauren Bacall, Humphrey Bogart e outro figurante)

(THE BIG SLEEP)

ELENCO:

Marlowe.....	HUMPHREY BOGART
Vivian.....	LAUREN BACALL
Carmem.....	MARTHA VICKERS
Gen. Sternwood.....	CHARLES WALDRON
Eddie Mars.....	JOHN RIDGELY
Norris.....	CHARLES D. BROWN
Bernie Ohls.....	REGIS TOOMEY
Joe Brady.....	LUIS JEAN HEYDT
Harry Jones.....	ELISHA COOK, JR.
Canino.....	FRED STEELE
Procurador.....	ROBERT SHAYNE
Agnes.....	SONIA DARRIN
Owen Taylor.....	DAN WALLACE
Arthur Geiger.....	THEO. VON ELTZ
Mona Mars.....	PAT CLARK

*

Produção Warner Brothers — Direção de Howard Hawks — Argumento de William Faulkner e Leigh Brackett, extraído do livro de Reynold Chandler.

envidraçada. Mas foi Huck, o inesperado, quem o alvejou pelas costas, quando êle punha o pé na soleira da porta. E não foi um tiro só, foi uma saraivada...

Marlowe observou o que se passava na saleta do posto de serviço com os olhos semi-cerrados de dor. Tinham-no algemado com as mãos para trás e estava com as pernas amarradas. Mona Mars estava presente, deslumbrante na sua beleza. Presente estava também Vivian. Ali talvez fôsse o "México"; ou qualquer outro lugar para onde se supunha que Mona houvesse fugido com Regan. Mas Regan não estava lá.

Vivian trouxe-lhe um gozinhos e ofereceu-lhe um cigarro. Tinha uma expressão de tragédia no olhar. — Phil, — sussurrou, — por que você é teimoso? Até hoje só conheci um maluco da sua marca. — Referia-se a Regan. Mas — onde estava Regan?

Mona parecia não ter razão de queixas contra êle, embora, evidentemente, o seu coração pertencesse a Eddie. — Eu nunca amei a Regan, — disse. — E'ramos simples amigos. Mas você sabe perfeitamente que, se eu não me escondesse aqui, quando Shawn desapareceu, a polícia teria dito logo que Eddie o matara.

— Mas Eddie o matou, — retrucou Marlowe.

Mona Mars limitou-se a exprimir tranquilamente a sua convicção. — Não, Eddie nunca matou ninguém. Sou casada com êle. Amo-o. Sei quais são os seus sentimentos. Agora mesmo mandei Canino ir buscá-lo.

Marlowe mal a ouvia. Fitara os olhos em Vivian.

— Você devia ter ido realmente para o México, — disse. — Ao menos o sangue não respingaria até lá. — Referia-se ao seu próprio sangue, querendo dizer que ela não tardaria a assistir à morte dêle. — Mas, de fato, não poderia. A polícia não a deixaria atravessar a fronteira sózinha, sem Shawn Regan. Foi muito mais fácil vir para cá, em companhia de Mona. Sobretudo é mais seguro para Eddie Mars.

— Por que você não acredita em mim? — perguntou Vivian, amuada. — Per que não deixa de dizer estas coisas?

— Muita gente quis me pegar. Além disso, eu conheço Regan... e conheço você.

— Não sei porque, com tantos detetives na cidade, papai escolheu logo você.

Marlowe sorriu maliciosamente. — Sabe o que êles vão fazer comigo, não sabe?

Acalentando o seu sonho de um Eddie que nunca existira, Mona afastou-se dêles, e saiu da saleta. Mas Vivian continuou agarrada.



Um momento difícil (Cena de "A beira do abismo), com Humphrey Bogart, Lauren Bacall e outro figurante.

chada ao lado d'ele, observando-o com impaciência.

— Mona está apaixonada por Eddie, — disse ele. — Mas você não está. Vai continuar metida nisso? — O olhar d'ele parecia devassar-lhe as profundezas da alma. — Ou vai arranjar uma faca para cortar esta corda?

Ele sabia que ela o amava, desde a primeira vez, e agora com toda a certeza, porque, após um momento de agonia, munindo-se de uma faca, ela começou a cortar as cordas que o amarravam. Terminou a tarefa, e Marlowe, já estava de pé — mas ainda algemado — quando Eddie Mars chegou de automóvel, acompanhado de Canino.

Depois, disso, os acontecimentos foram demasiado rápidos para serem lógicos. Marlowe ouviu Vivian dizer a Eddie que ela desembarcava naquele ponto. Ouviu Eddie responder que ela comprara passagem até o fim da linha, mesmo que ele fosse ignorado. Ouviu, depois, a si mesmo, descrevendo a morte casual de Harry Jones para todos os presentes. E notou que a desilusão se estampara no formoso rosto de Mona.

— Não continue com isso, Eddie! — suplicou Vivian.

E a resposta de Mars foi: — Acha que não posso concluir o que comecei?

— E está pensando que eu vou deixar que você o conclua?

— Acredita mesmo que será capaz de me impedir de fazer o que eu queira?

Ouviu-se, então, a voz do próprio Marlowe, muito tranqüila, apesar de Canino estar apontando uma arma para ele. — Qual de vocês matou Shawn Regan?

Canino observou com cinismo: — Algum dia vocês viram um polícia tão tímido como este? Está na beira da sepultura e ainda está querendo saber quem matou Regan!

Mona Mars falou com voz tão baixa, que era como se estivesse falando consigo mesma. — Eu acreditava em você, Eddie. Seria capaz de fazer tudo por você... tudo menos isso.

Voltou-se para sair da sala, caminhando completamente inconsciente. Mars precipitou-se atrás dela, apreensivo, deixando Canino incumbido dos prisioneiros. Porque agora eram dois: Vivian sabia que terminara o seu

papel, bem como o de Philip Marlowe. Juntos, ouviram o ronco do carro de Mona, quando ele ganhou velocidade. Aparentemente, Eddie ainda conseguira tomá-lo.

Vivian tirou um fósforo de uma caixa, riscou-o, sem pressa, protegendo a chama com a mão em concha, ao acender o cigarro. De repente, todos os fósforos da caixa se inflamaram, e ela atirou a caixa em chamas, com uma pontaria certa, ao rosto de Canino, gritando ao mesmo tempo: — Phil!

Marlowe atirou-se às pernas de Canino. O revólver começou a disparar, bem perto da cabeça d'ele, mas ele afastou-o, tentando simultaneamente apoderar-se do mesmo. O resto foi suor, esforço, músculos doridos e pesadelos. Tudo parecia andar à roda. Mas,

no fim, Marlowe estava a caminho da cidade, no Packard de Sternwood, em cujo volante ia Vivian, exausta e calada. A chuva continuava a cair. Ele vivo, ela também; e, atrás d'eles, numa poça de lama além de Realito, ficara caído morto, um perverso conhecido por Canino.



A polícia não podia fazer nada. Marlowe não tinha culpa. Matara Canino em legítima defesa e o assassino deixara as suas impressões digitais no escritório onde assassinara Harry Jones. Tudo isso ele dizia a Vivian, no dia seguinte, quando se dirigiam para a estufa de onde o velho Sternwood contemplava os seus poços de petróleo, a fim de ter outra conferência com ele.

O general mandara-o chamar. Em seus olhos amargurados havia uma expressão feroz. — Eu não lhe pedi que fizesse investigações em torno de Shawn Regan, Sr. Marlowe.



Como a irmã, ela também o amava... (Cena do filme "A beira do abismo", com Humphrey Bogart e Martha Vickers).



Humphrey Bogart numa agitada cena de "A beira do abismo", com outros figurantes da película.

— Mas queria que eu fizesse.
— O Sr. faz pressuposições em excesso. — O ancião, sentado na sua cadeira de rodas, encarava-o com olhar firme.

— Eu gostaria de devolver-lhe o seu dinheiro, — disse Marlowe. — Digamos que o recuso por ter realizado um serviço que não satisfiz e está acabado. Errei, pensando que o Sr. estivesse de fato com receio de saber Regan envolvido na chantagem que Geiger praticou contra o senhor. Além disso, Regan era meu conhecido. Eu tinha interesse particular em saber o que foi feito d'ele.

Estava um calor sufocante, naquele ambiente saturado do cheiro das plantas. Marlowe passou o lenço no rosto.

— O seu mordomo, general parece que acreditou estar o caso encerrado, quando Geiger foi morto. Mas eu não pensei assim. Porque o Sr. estava desconfiado de que Regan se tivesse mostrado seu amigo apenas o tempo suficiente para aprender a utilizar a sua conta, no banco.

Não é por causa do dinheiro. É que o Sr. gostava d'ele.

— Estará o Sr. querendo resolver esse quebra-cabeça?

— Não. Mandara-me desistir. A ordem partiu da polícia. É por isso que eu quero devolver o seu dinheiro. O serviço não foi feito como eu gosto de fazer.

Pouco a pouco, foi-se abrandando a fisionomia severa e acabrunhada do velho Sternwood. — Não desista de coisa alguma! Pagar-lhe-ei outros mil dólares, se descobrir o paradeiro de Shawn Regan! Cada um tem o direito de viver como lhe apraz, e deve ter havido um motivo para que Shawn fugisse dessa maneira. Eu só quero saber se ele está bem, e, se estiver precisando de algum dinheiro... — Tremeu a voz do ancião. — Você tem muita coisa

de Shawn. A mesma energia e o mesmo olhar firme.

*

O telefone de Marlowe estava tocando, quando ele entrou em casa. Era Eddie Mars, imperscrutável como sempre, sem fazer a menor referência a coisas desagradáveis como tentativa de homicídio.

— Eu seria capaz de apostar que você ia me telefonar, Eddie. O general ofereceu-me mil peles para descobrir o paradeiro de Regan. E eu aceitei.

Mars falava com calma. — Talvez eu possa ajudá-lo a ganhar esse pacote. Lembra-se daquela bagagem que Joe Brody tirou dos fundos da livraria de Geiger? Pois bem, eu o acompanhei até o lugar onde ele a descarregou, e de onde novamente a retirou, para levá-la à casa de Geiger, depois da visita da polícia. Você podia dar uma olhadela.

— E', — murmurou Marlowe, — Acho que podia, sim. — E pousou lentamente o fone no gancho.

Ainda não acabara de tomar banho e vestir-se, quando Vivian apertou o botão da campainha. Parecia amedrontada. Sua mão tremia, quando ela o cumprimentou. — Phil! Eddie acaba de me telefonar. Está à sua procura!

— Há muito tempo que sabemos disso, — retrucou Marlowe, sem se alterar.

— Mas agora é sério. Você precisa sair da cidade. Dar-lhe-ei cinco mil dólares, se você ausentar-se hoje!

— Gosto de justificar o dinheiro que ganho.

Ela só faltava chorar. — Você iria, se soubesse que Shawn está morto?

— Como foi que ele morreu? — perguntou Marlowe, sem mover um músculo da face.

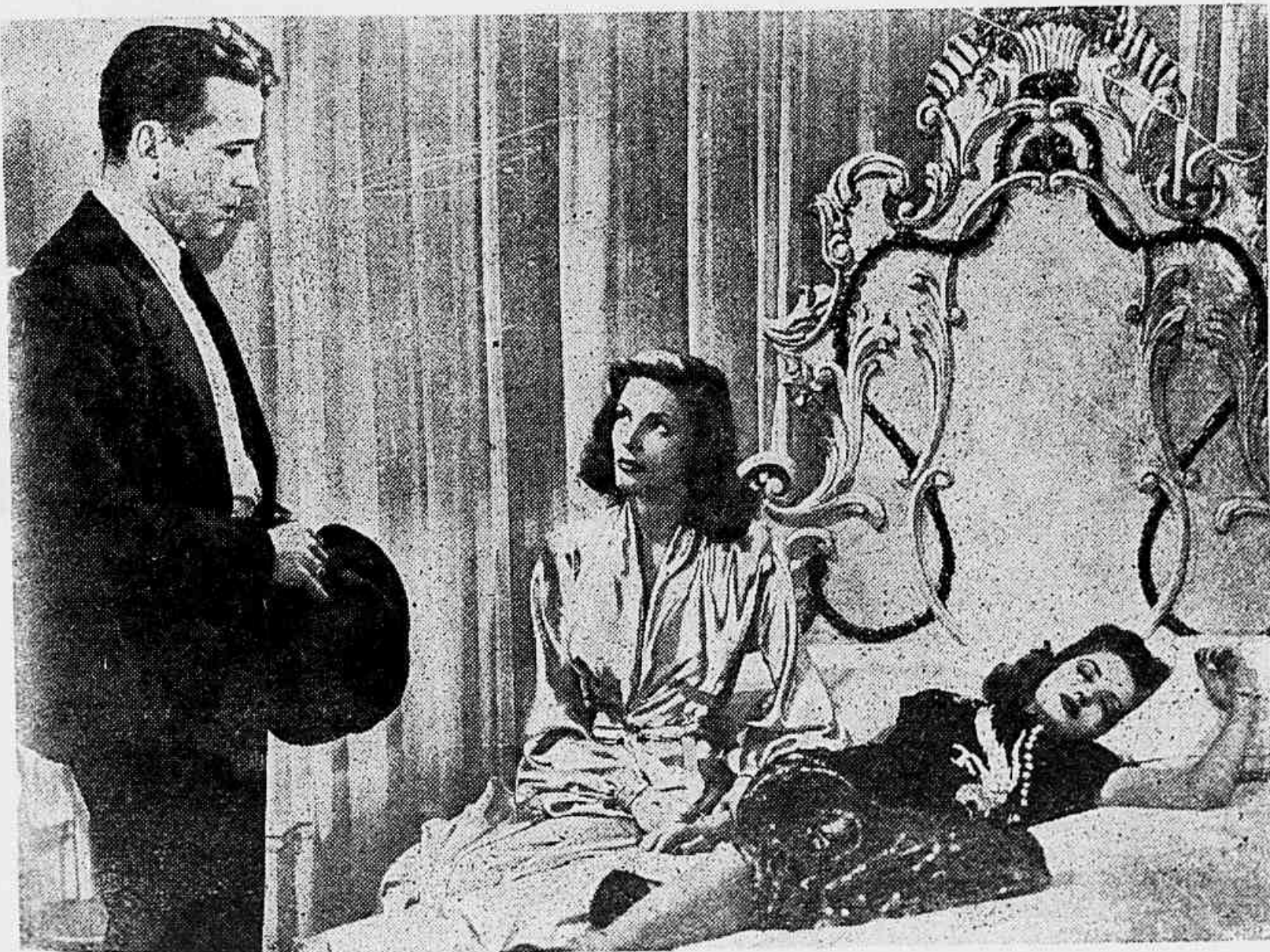
— Dê-me um beijo! — implorou Vivian, arfando.

— Depois, pode ser. Como foi que Shawn morreu?

— Eu o matei, — disse ela de chôfre. — Sem querer.

(Continua na pág. 33)

Naquela noite Marlowe parece que estava jadado a andar as voltas com as filhas de Sternwood. Aliás, ambas o amavam. (Cena do filme "A beira do abismo", com Humphrey Bogart, Lauren Bacall e Martha Vickers).





Glenn Ford e Janet Blair, os protagonistas de "Gloriosa jornada" (Gallant journey), filme que apresenta a história das primeiras tentativas de John J. Montgomery para dominar os ares. Ele faz o papel do pioneiro da aviação americana e ela o de Regina, sua namorada e depois esposa devotada.

(GALLANT JOURNEY)

ELENCO:

John	GLENN FORD
Regina	JANET BLAIR
Jim	ROBERT DE HAVEN
Jim Logan	LOREN TINDALL
John Logan	BYRON MORGAN
Zack	WILLARD ROBERTSON
Dad Logan	HENRY TRAVERS
Padre Ball	CHARLES KEMPER
Padre Kenton	ARTHUR SHIELDS
Mahoney	JIMMY LLOYD
Walker	MICHAEL TOWNE
Dondaro	WALLY CASSELL
Rheinlander	FREDDIE STEELE
Jim	CHARLES RUGGLES
Sra. Montgomery	SELENA ROYLE
Margaret	CRYSTAL REEVES
Mary	KATHLEEN O'MALLEY
Juan	FERNANDO ALVARADO
Jane	HELENE NIELSEN

Um filme da Columbia dirigido por William A. Wellman e em versão cinematográfica de Byron Morgan e William A. Wellman, apresentando a vida de John J. Montgomery.

GLORIOSA JORNADA

Voar! O triunfo da velocidade acima das nuvens! O domínio do céu! Libertar-se da terra... Os rapazes mostravam-se emocionados, pois compreendiam plenamente o significado daquela homenagem. Estavam diante do monumento erigido pela cidade de São Diogo — em memória de John J. Montgomery e escutavam o velho que se aproximara e lhes estava contando a história de John Montgomery. "Faz mais de meio século, John Montgomery começou observando o voo dos passaros, intrigado. A maioria de seus amigos riam-se dele, mas havia uma pequena, Regina, que o amava e tinha confiança nele..."

O velho sorria. — E se vocês, rapazes, acham que um sujeito que tenta uma nova experiência é um "gira", imaginem de que não chamavam John Montgomery naquêlo tempo. Mas êle não dava importância a êsse. Era um rapaz obstinado e a sua obstinação era voar — Apontou para o céu.

— E êle aprendeu a voar olhando os passaros? — Perguntou um dos rapazes.

O velho confirmou, acenando com a cabeça. — Mas depois que êle se formou, em

St. Ignatius, na California, a familia mudou-se para um pequeno rancho situado aqui no vale. — Apontou para o lado de Otay Mesa. John começou fazendo experiências com passaros vivos. Uma pequena águia — uma águia americana — foi quem lhe deu mais lições sobre voo.

Os olhos do velho anuviaram-se, perdidos no passado.



John Montgomery estava observando a águia voar em volta do pátio do celeiro. Uma corrente presa ao pé da ave impedia-a de fastar-se para longe, enquanto John estudava os movimentos de suas asas, a forma délas e o modo pelo qual se adaptavam às necessidades do voo.

Suas três irmãs aproximavam-se graciosamente, jovens e formosas nos seus vestidos de 1885.

— Regina vem passar um mês conosco, — Disse Mary, contente.

— E papai vai nos levar à cidade para esperá-la, — acrescentou Jane.

Um profundo amor ligava John a Regina. (Cena do filme "Gloriosa jornada" (Gallant journey), com Glenn Ford e Janet Blair).

Margaret, risonha, provocou o irmão— Por que você não nos leva voando, John?

John, rindo-se, apanhou uma vara e correu atrás das irmãs, que voltaram correndo para casa. Atirando fóra a vara, John entrou na cabana que usava como oficina. A asa do primeiro planador de sua construção estava em cima de dois cavaletes. John aproximou-se dela e começou à trabalhar. Construíra-a tendo em mente tudo quanto observará no voo da aguia. Trabalhara com calma e cuidado. Agora pouco faltava para completar a tarefa.

Permaneceu absorto em seu trabalho até quando ouviu gritos fóra da barraca. Regina devia ter chegado. Saiu e encontrou toda a família reunida para recebê-la. Sua mãe e seu irmão Jim estavam ao lado da caleche. Seu pai cuidava do bagagem de Regina, que conversava ao lado com suas duas irmãs. Era bonita, devia ter dezesseis anos e olhava para John como a adorá-lo.

— Você consertou o arado? — Perguntou-lhe o pai, gritando.

John lembrou-se imediatamente, estalou os dedos, e respondeu:

— Consertarei imediatamente, papai.

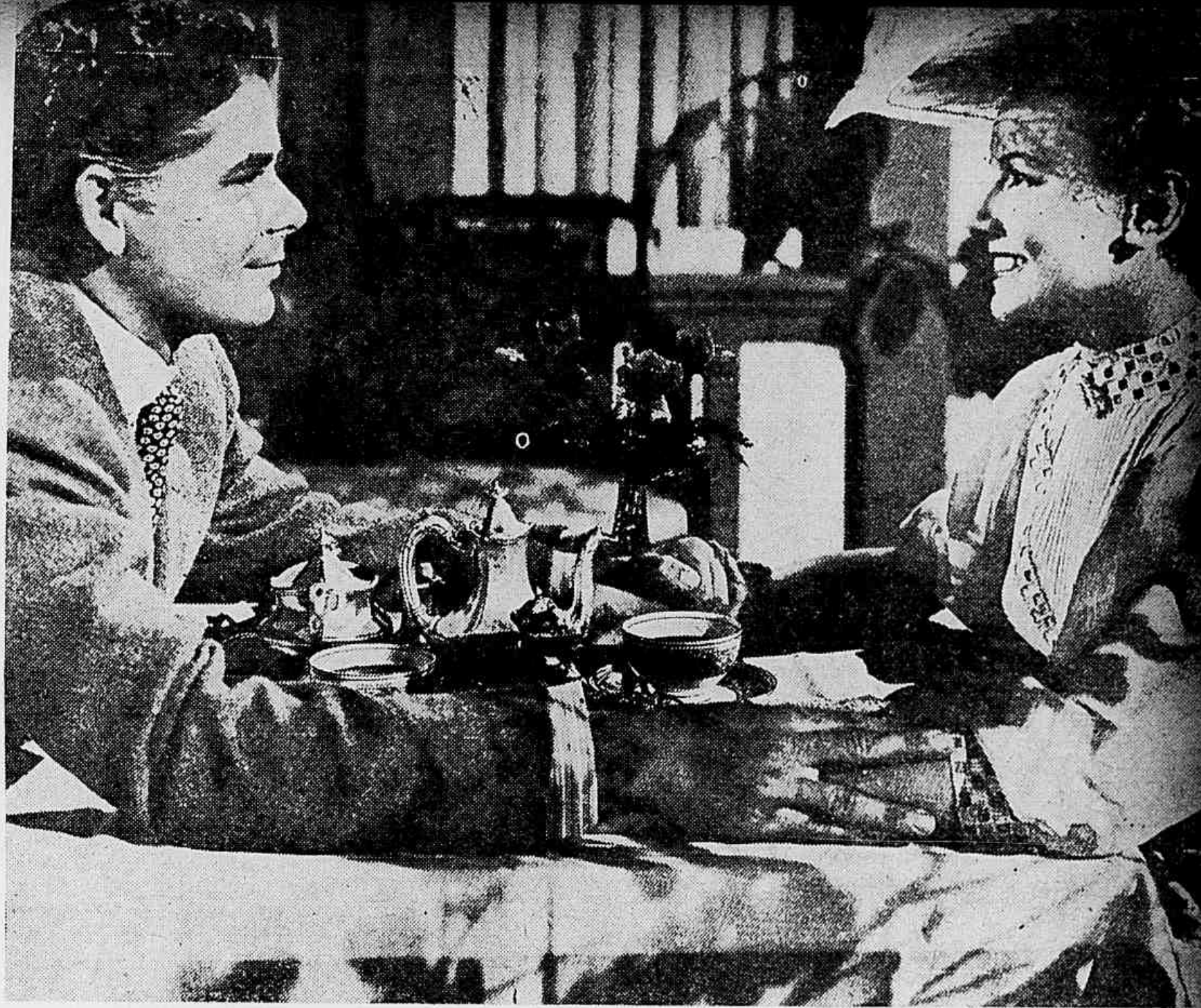
— Esse rapaz... — Exclamou o velho Montgomery — Só pensa naquêla máquina voadora!

Margaret deu uma risadinha — Tôda a vizinhança fala dêle.

— Dizem que é meio maluco, — acrescentou Mary.

Quando as meninas entraram em casa, Regina voltou-se para ver John, mas êle lá estava, outra vez imerso em seus pensamentos; não a reparou. Sabia que o pai estava preocupado. O sr. Montgomery esperava uma nomeação política em Washington, e seria des-

Em família. Dois dançam enquanto os outros observam. (Cena do filme "Gloriosa jornada" com Glenn Ford, Janet Blair, Henry Travers, Byron Morgan e outros figurantes).



favorável, se viessem a saber que êle tinha um filho "meio maluco".

*

Naquêla noite, em seu quarto, o sr. Montgomery conversou sôbre o assunto com a esposa.

— E' o que dirão! — Explicou. — Os vizi-

nhos estão começando a falar... ainda hoje ouvi isso de novo. Dizem que John esta construindo uma máquina voadora tão maluca quanto êle.

— Oví qualquer coisa sôbre isso, — admitiu a sra. Montgomery.

O marido mostrou-se alarmado, mas deu de ombros. — Aqui no campo, não tem im-





O maior desejo dele era voar. O dela, naturalmente, era ver o seu namorado voar. (Cena do filme "Gloriosa jornada", com Glenn Ford e Janet Blair)

portância, mas pode ser espalhado pela cidade, e circular nos jornais. Não faria diferença alguma, se eu não estivesse metido em política, defendendo a candidatura de Grover Cleveland à presidência. Se os meus adversários chegarem a saber disso... Você sabe como os republicanos estão ansiosos para descobrir qualquer novidade. Isso podia estragar todos os meus planos para a nomeação.

Calou-se um instante, e pensou:

— Aho melhor eu conversar amanhã de manhã com John.

— Se você acha, é o que deve fazer, Zachary. — Disse tranquilamente a sra. Montgomery.



John e Regina estavam na oficina. Ele esticava a seda sobre a armação da asa, enquanto ela a costurava.

— Esta parte da asa parece muito envergada, — disse a jovem.

— Eu a fiz assim de propósito, — explicou John. — Assim, posso manter o equilíbrio no ar, como fazem os pássaros, torcendo as extremidades das asas. — Respondera distraidamente. Estava completamente absorto no seu trabalho; em lugar de Regina, podia estar ali qualquer outra pessoa.

O sr. Montgomery entrou dirigindo-se a eles. — Está tomando forma.

John ficou contente com o interesse demonstrado pelo pai.

— A sua idéia de usar abeto em vez de nogueira foi ótima, papai.

— A sugestão foi minha?! Espero, então, que os vizinhos não descubram isso também.

John olhou para o pai, desconfiado.

— Eu e sua mãe estivemos conversando sobre isso a noite passada — Prosseguiu o sr. Montgomery... — E... bem... — decidimos que talvez... Ora, para que pensar no perigo antes de passar por êle.

Em Washington, todo o mundo, ou por isso ou por aquilo, é tido como louco, — concluiu, sorrindo.

Com a gratidão estampada no rosto, John viu o pai retirar-se. — Obrigado pelo auxílio, — disse para Regina. — Acho que já podemos colocá-la no lugar.

Ela mostrou-se intrigada. — Você não vai voar?

— Por enquanto não. Eu sei o que papai quis dizer.

Os olhos dela faiscaram. — Mamãe costumava dizer: faça o que você achar que está certo e deixe que os outros falem — disse, e retirou-se.

Depois que ela saíu, John ficou a matutar naquêle subito acesso de cólera. E a pensar também no que faria com o planador.



De sua janela, à luz suave da manhã, Regina viu John e o irmão atrelarem os cavalos a uma carroça de feno e partirem. Levantou-se, vestiu-se e saíu apressada. Correu em direção ao campo, entrou num casbre de tijolos e acordou Juan; um rapazinho mexicano muito conhecido nas redondezas do rancho.

— Mas, Senorita — Protestou Juan; — ainda não é hora de dar milho às galinhas.

— Psiu! conhece o caminho para Mesa?

Ele respondeu com relutância, e saíram, andando de gatinhas através do capinzal, até chegarem a um lugar de onde podiam ver John e Jim.

Os dois irmãos estavam descarregando o feno da carroça. Escondido debaixo do feno estava o planador. Suspenderam-no cuidadosamente e o pousaram no chão. Jim amarrou uma corda no aparelho.

— Quando você sentir que a corda está afrouxando, solte-a — Explicou John. — Este aeroplano não aguenta nós dois.

— Aeroplano? Quando descobriu êsse nome?

— Agora mesmo, — Respondeu John sentando no planador como quem monta a cavalo. Tem que ter um nome.

Jim começou a correr, puxando a corda e vagorosamente, pouco a pouco, o planador foi-se erguendo no ar. Depois baixou, e aterrissou suavemente.

Jim correu ao encontro do irmão, alegre e excitado e deu-lhe uma palmada no ombro.



John J. Montgomery trabalha na construção de um modelo de aerostato. (Cena de "Gloriosa jornada", com Glenn Ford, Loren Tindall e Charles Kemper).

— Os malucos, agora, são os que chamaram você de maluco!

— Não foi muito bom, Jim, — disse John. — A que altura você acha que cheguei?

— Uns vinte pés... talvez trinta. Mas você vôo, John! Até agora ninguém fez isso!

Debruçados na relva, Regina e Juan espriavam cheios de orgulho.



John Montgomery voara, realizara o primeiro vôo dirigido, com asas, da história, dois anos antes de ser usado num automóvel o primeiro motor de gasolina. Mas ninguém o aclamou, ninguém o compreendia. Sómente incertezas e dificuldades. Seu pai obtivera a colocação desejada e a família mudara-se para Washington. A exceção de John. Ele ficou para cuidar da fazenda. E em virtude da função pública exercida pelo pai, abandonou a idéia de voar.

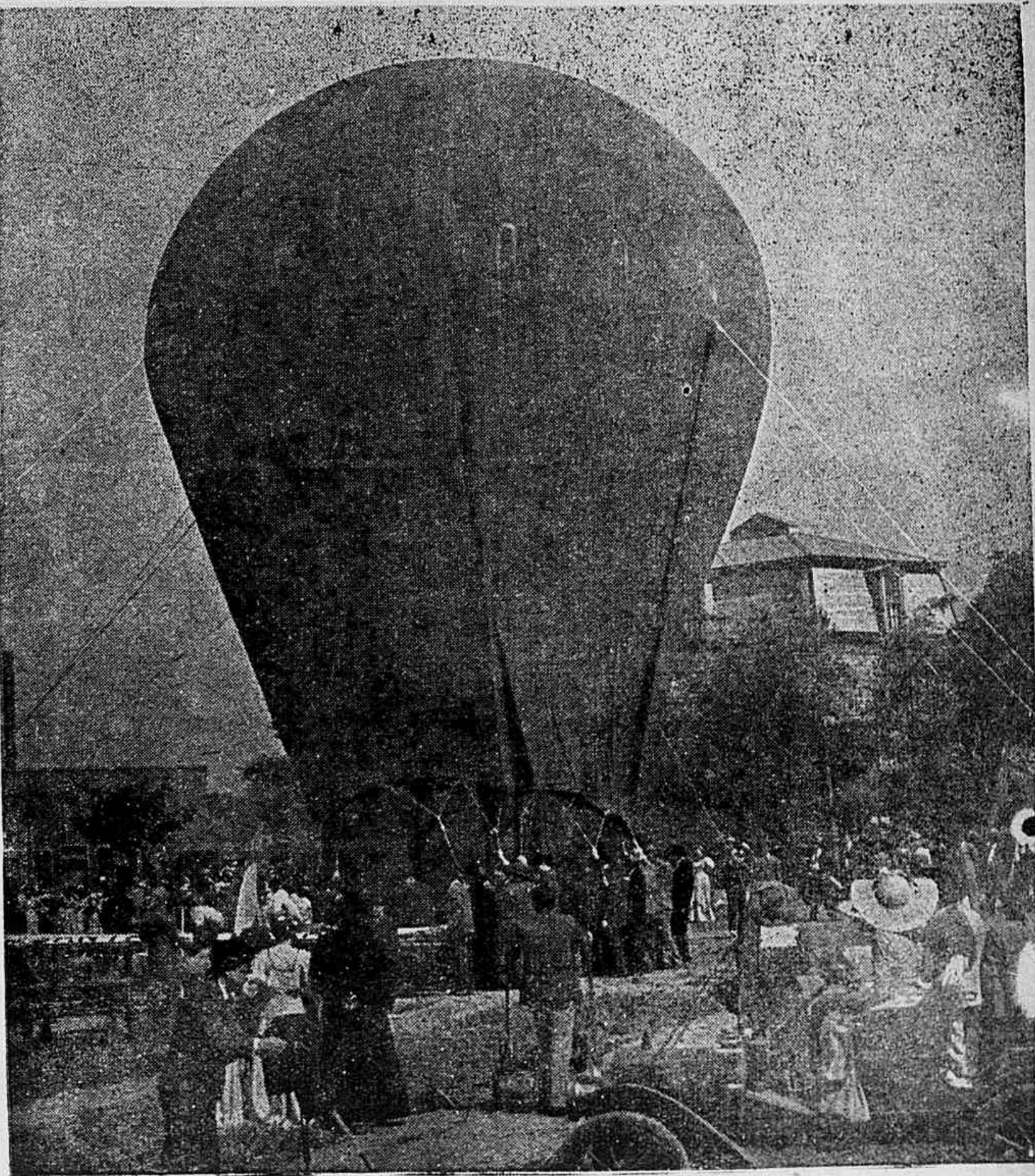
Mais tarde, em 1888, empregou-se no Colégio de Santa Clara. Alguns dos rapazes com quem frequentava as aulas no St. Ignatius estavam homens e eram agora sacerdotes do colégio. Quando Regina lhes falou a respeito das ambições de John, e do que tinha acontecido, demonstraram alegria em poder ajudá-lo.

Em Santa Clara, êle tinha a sua própria oficina, e, encorajado pelo seu velho amigo padre Ball, prosseguiu nos seus planos de vôo.

Um dia, bisbilhotando nos fundos da oficina, Padre Ball descobriu um aparelho com um grande funil em cima e uma torneira em baixo.

(Continúa no próximo número)

A multidão assiste com ansiedade a uma experência de vôo. (Cena no filme "Gloriosa jornada" que é uma biografia de John J. Montgomery, um dos precursores da aviação.)



SWINGS, FOXES, BLUES... ETC.

MAGIC IS THE MOONLIGHT

(TE QUIERO DEJISTE)

Do filme da Metro "Escola de Sereias"

Fox de Charles Pasquale.

Magic is the moonlight on this lover's
June night

As I see the moonlight shining in your
eyes.

Can't resist power in the moonlit
hour,

Love began to flower, this is paradise.
Living in the splendor of your kiss so
tender

Made my heart surrender to your love
divine.

Magic is the moonlight, more than any
June night,

Magic is the moonlight, for it made
you mine.

TAKE IT EASY

Fox de Albert De Bru, Irving Taylor e
Vic Mizzy.

(Do filme da Metro "Escola de Sereias")

Take it easy, take it easy,

Don't you know it's more romantic
when a dance is slow,

Take it easy, take it easy,

What's the good of feeling high when
all the lights are low,

Take it easy, take it easy.

We've got lots of time ahead of us,
the night is young,

Take it easy, take it easy,

Don't you know this music should be
swayed instead of swung.

Take your time, take you time, dance
it with ease,

Take you time, take you time, slow
if you please.

A MAN IS BROTHER TO A MULE

(Do filme da Columbia "Romance no
Rio")

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher.

When a man meets a woman, she's
liable to think he is human

Unless she's the kind of woman who
knows her oats.

Take the advice, amigos, of one who
knowes.

Don't be fooled how he talks or
the upright way he walks,

'Cause a man is brother to a mule.

When a man gets contrary a woman
had best to be wary

Unlewss you're the kind of mamma ho
knows her mules,

Take the advice, muchachos, of one
who's wise,

Cultivate his gentle, cause when
you get' heath his hide,

A man is a brother to a mule.

You tell him to stay; he says, "Go".

You tell him to go; he says, "No".

'Cause a man is a brother to a mule.

He may have a dozen aunts, ware a
sporty coat and pants,

But a man ist a brother to a mule.

MELODIAS



DINAH SHORE

AQUARELA DO DIREITO AUTORAL

EM 1939, fundou-se nesta capital uma sociedade de autores e compositores — a "Associação Brasileira de Compositores e Autores" (ABCA) — integrada por uma grande maioria de socios dissidentes da velha e tradicional SBAT. Sob a nova bandeira se agruparam, também, todas as nossas firmas editoras de música deixando, praticamente, a SBAT sem repertório nacional a controlar, o que a forçou a entrar no campo editorial, criando uma "Carteira Editora de Música". Como os editores, nas suas relações contratuais com os compositores, possuem legalmente a faculdade de autorizar as execuções musicais — faculdade essa que eles sempre procuraram exercer por intermédio de uma sociedade de autores — a ABCA, a quem eles a transferiram, compareceu perante o então Serviço de Censura da Polícia do Distrito Federal e, ali, conseguiu que o Dr. Montes Arraes, chefe desse Serviço, firmasse jurisprudência definitiva sobre tão palpitante questão. O despacho dessa autoridade foi totalmente apoiado em parecer firmado pelo Dr. F. Antunes, então Consultor Jurídico do Ministério da Justiça. "O que não há dúvida (diz o parecer) é que pelo contrato de cessão apreciado, os autores em causa transferiram aos editores, com os seus outros direitos, também o de execução perdendo, deste modo, por tal ato de alienação onerosa, a qualidade de legítimos usufruidores dos direitos que nos referidos editores se concretizam. Em face do exposto, julgo legítimo, para todos os fins afetos a este Serviço, o ato dos editores outorgando poderes a ABCA, o direito de autorizar a execução para a aprovação dos programas..." Estávamos em pleno Estado Novo e apesar das suas influências discricionárias, o Chefe da Censura procedeu dentro da lei. Vejamos, agora, o reverso:

Em 1946, um grupo de compositores dissidentes da "União Brasileira de Compositores" (UBC), fundou uma nova sociedade — a "Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música (SBACEM)". E, como se vê, uma sociedade também de editores de música e, como tal, requereu ela ao atual Serviço de Censura das Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública, a faculdade de usar o direito que os autores cederam aos seus associados — editores, de autorizar a execução pública das obras pertencentes aos respectivos catalogos. Repetia o mesmo expediente legal usado em 1939 pela extinta ABCA.

Entretanto, ao contrario do que se esperava, o Serviço de Censura das Diversões Públicas procedeu, no caso, da forma a mais discricionaria possivel. E isso em pleno regime constitucional. Começou indeferindo a pretensão da SBACEM, primeiro por ter alegado ignorar os termos dos contratos de edição e, depois, quando os interessados lhe deram vista dos mesmos, não lhes atribuíram a menor valia, só porque no fóro desta capital corria uma ação em que a sociedade rival (a UBC) pretende invalidar contratos legalmente feitos entre partes legítimas. Ficou numa situação comodíssima, somente comparavel à de Pilatos...

Recorrendo para o Chefe de Polícia, a SBACEM espera obter a reforma do despacho do Chefe do Serviço de Censura. Vamos aguardar os acontecimentos, pois será deles que retiraremos as tintas que nos auxiliarão a pintar essa sensacional aquarela do direito autoral...

F. CORREA DA SILVA

PARA VOCE

NOTAS E NOVAS

— Nenhum outro compositor de destaque dos nossos dias é mais prolífico e versátil do que o brasileiro Heitor Villa-Lobos — escreve o crítico Pierre de Rohan no PIC. Raramente passa um mês sem que não se registre o aparecimento de uma nova obra saída de sua pena privilegiada, e entre elas, dificilmente um trabalho deixa de revelar uma nova faceta da sua espantosa capacidade de músico autodidata. Em um mês, escutamos as suas serenatas baseadas nos canticos primitivos dos índios selvagens da região amazônica. Depois, sentimo-nos atordoados e deleitados com as suas "Bachianas brasileiras", peças estranhas e assombrossas, em que as formas rigidamente musicais de Bach se combinam com os modernos ritmos do Brasil. E agora, eis que ele nos oferece um poemeto, poético e colorido, para violino — "A Canção do Cisne Negro" — composto no melhor estilo da moderna escola romântica. A "Victor" gravou-o em um disco de 10 polegadas, na interpretação magistral de Ricardo Odnoposoff, um jovem e talentoso violinista sul-americano que vive atualmente em

New-York. Certamente, essa composição tornar-se-a uma das peças obrigatórias do repertório de todo violinista. Quanto a Odnoposoff, ele está fadado a tornar-se um dos nossos mais populares concertistas, pois possui técnica e predicados artísticos para fazer uma brilhante carreira perante o público.

— Frank Sinatra, que tem sido alvo de inúmeras propostas para o único filme que lhe é permitido fazer por ano, fora dos estúdios de Mr. Leo, parece ter aceito o convite da "Warner" a fim de estrelar um grande musical intitulado "Jazz Singer" (Cantor de Jazz).

— Count Basie e sua orquestra, Phil Harris, Tony Martin e os Three Suns, acabam de ser contratados para a "Victor". O primeiro foi surripiado à Columbia em represália à ursada que esta lhe fez ao retirar do seu elenco a popularíssima Dinah Shore...

— Woody Herman acaba de dissolver a sua famosa banda. É mais um que deserta diante da ofensiva dos altos salários atualmente exigidos pelos músicos norte-americanos.

GINNY SIMMS



SAMBAS, MARCHAS ETC

ELA FOI CRUEL PRA MIM

(Samba de Ary Fração e Sebastião Figueiredo).

Gravação de Orlando Silva.

Cansei-me dos seus beijos
Já matei os meus desejos
Agora querendo embora... vac...
Ela foi cruel prá mim
Me obrigou a ser assim
As vezes a mulher faz o homem ficar ruim.
As vezes a mulher faz o homem ficar ruim.

Tudo o que ela queria
Eu dava sem reclamar
Más a desarmonia,
Chegou depois no meu lar
Culpo a ela,
Ela foi culpada
Foi fingida
E algum dia ha de ser castigada.



DEIXEI MEU CORAÇÃO SOFRER

Samba de Dias da Cruz e Cyro Monteiro.

Deixei meu coração sofrer
Ai, ai,
Grande amôr da minha vida
Deixei meu coração chorar
De rdô
No momento da partida
Voltaste mas não posso perdoar
Porque
O meu coração ainda chora
Deixei meu coração sofrer
Ai, ai,
A saudade me devora.

II

Nunca mais tu serás
Meu coração, meu olhar
Pois sei que nunca mais
Em tua vida
Minha querida
Outro amôr hás de encontrar.



"QUEM VEM LÁ?"

Samba de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal.

Quem vem lá?
Quem vem lá é o velho Estácio
Quem vem lá?
Peso é peso braço é braço
Estácio Escola primeira
Veio saudar a Portela
Cumprimentar a Mangueira.

II

Salguei, Favela...
Vá na matriz faça-me um favôr
Peça levar um recado a O.w. ldo Cruz
Diga foi o Estácio quem mandou
Vamos formados em fila
Levar uma corbele
Para depôr lá na Vila



Harry James, Coste Williams e Benny Goodman, um trio de indiscutíveis azes da música norte-americana.

CORRESPONDENCIA

JOÃO BAPTISTA DUARTE (Rio) — Não temos elementos para responder os seus itens *a e c*. A relação dos principais números de "Paixão em Jogo" é a seguinte: "Please don't say 'No'", de Sammy Fain; "Song of India", de Rimsky-Korsakow (arranjo de Tommy Dorsey); "Mattinata" e "Vesti la giacca", de Leoncavallo; "I should care", de Stordahl-Weinstein e Cahn; "Your dear", de Sammy Fain; "Rapsodia Hungara", de Liszt; "If I had you", de Shapiro-Campbell e Connelly; "Serenata", de Schubert; "Because", de D'Har-delot e Teschemacher; "Vive l'amour", de Stoll-Blane e Thompson e "I want what I want when I want it", de Herbert e Plosson. O instrumento de Charlie Spivak é o piston.

LISA DOLL (Rio) — "Love me" saiu em nosso numero de 4/2/47.

XANDOCA (Rio) — Estamos entregando para publicação a letra de "Please don't say 'No'".

ICKY (Rio) — De um momento para outro sairão as letras de "A little on the lonely side", "You belong to my heart", "Cow Cow Boogie" e "Deep Purple". Gratos pelo seu voto para "AS 10 CANÇÕES DO MES".

SALOMÉ (Rio) — "I don't know why", foi publicada em nosso número de 26/11/46. Não temos "Clementine" em nosso arquivo. "Bell Bottom Trousers" ainda não foi publicada nesta seção e "I can't begin to tell you" foi reproduzida do proprio original norte-americano. Se está incompleta a culpa não nos cabe. Anotámos o seu pedido de "The White Cliffs of Dover", "Blues Skies" e "Joseph". Gratos pelo seu voto para "AS 10 CANÇÕES DO MES" e pelas gentis palavras a respeito desta seção.

A CRITICA DO LEITOR

COTAÇÃO: 10 (ótima) — 8 (Muito boa) — 5 (Boa) — 3 (Sofrível) — 1 (Péssima)

ODALISCA — (Marcha) — Nelson Gonçalves, orquestra e coro. Disco "Victor".

E' interessante esta marchinha e se destina a grande sucesso. Muito boa a interpretação de Nelson Gonçalves mas como sempre a orquestração é deficiente. Cotação — 5. D.F.B. (Niterói).

PERDOA — (Samba) — Alcides Gerardi e orquestra. Disco "Odeon". Não é nenhuma novidade mas a sua melodia agrada ao público em geral. A interpretação é boa mas, ainda aqui, a orquestração é nula. Cotação — 5. — D.F.B. (Niterói).

VOU DAR O TÊCO (Marcha) — Jararaca, orquestra e coro. Disco "Odeon". Letra e música desinteressantíssimas e pior interpretação de Jararaca. Cotação — 1. D.F.B. (Niterói).

TANGOS, RUMBAS, BOLEROS.

TIENE RAZO'N, AMIGAZO

Tango de Alfredo Calabro y Enrique Dizeo

Hoy quien se embriaga por vicio.
Mo lo dudo; lo sé bien.
Pero siempre, casi siempre,
la culpa de lo que somos.
la tiene alguna mujer.
Y yo soy uno de aquellos
que padece de ese mal.
Por eso cuento conmigo
y hace lo que le parece
mi vida sentimental.

II

Tiene razón, amigazo.
Me doy cuenta
que estoy llevando una vida
que a mi no me corresponde.
Todas las noches de copas!
Si hasta es cosa de no creer!
Tiene razón, amigazo.
Lo comprendo
que me hace mal la bebida...
Y qué quiere que haga el hombre
si ya no beso su boca,
si me falta su querer!

I (BIS)

Soy como me da la gana
desde que perdí su amor.
Me divierto a mi manera,
endulçando-me la boca
para aliviar mi dolor.
Y usted me está aconsejando?..
Muchas gracias, ya lo sé;
que si sigo como sigo,
va a decir, se ella me viera
quién te ha visto y quién te ve!

✻

MARIMBA

Fox-canção de Agustín Lara

Oye la marimba
como se cimbra
cuando canta
para ti
Oye como suena
como su pena
se transforma
en frenesi.

Mira como llora
como rumora
la canción
que yo te di.
Oye la marimba
como se cimbra
cuando canta
para tí...

KISMET

2

Duas vezes Hollywood filmou a famosa peça de Edward Knoblock, com o seu interprete original do palco — o falecido ator Otis Skinner. Em ambas as versões, o estúdio produtor realizou o filme em caráter de super-produção, igualmente, gastando bom dinheiro. Só não o fizeram em cores, porque naquelas épocas (1920 e 1931), o técnico era horrível. Entretanto, tanto o primeiro "Kismet", como o segundo (este já no cinema falado), foram películas inferiores (dentro da época em que foram rodadas) a esta terceira versão colorida, com Ronald Colman, que é mais uma fantasia do que a própria peça, e por isso mesmo agrada mais. Embora William Dieterle não fosse o diretor adequado ao genero do filme; ele nos dá um espetáculo interessante que só não agrada em cheio porque James Craig vai mal no papel do Califa e Marlene está deslocada. Nesse ponto, Mary Duncan em melhor tipo, na edição da First National. Ronald Colman é um esplêndido Hafiz. Ele continua sendo um dos melhores atores de Hollywood e este seu papel em "Kismet" enriquece a lista de suas boas interpretações. Ronald ainda se destaca mais, porque, a rigor, está sosinho no filme, embora secundado por um Edward Arnold, pois os outros são todos coadjuvantes e Joy Ann Page, aquela pequena que teve um *bit* inesquecível em "Casablanca", é apenas uma *starlet*. Não ver o novo "Kismet", que estava em sua segunda semana nos três cines-Metro, quando escreviamos este comentario, um sucesso merecido.

Título original: — "Kismet"

MALVADA

1 1/2

Este filme da Gainsborough, adaptado da novela de Magdalen Hall-King, "The Life and the Death of the Wicked Lady Skelton", explora uma historia folhetinesca passada no tempo de Charles II, da Inglaterra. Deixa a de deixar na direção, que no soube aproveitar o assunto e na protagonista — Margaret Lockwood — que não está à altura do papel que interpreta. James Mason, também, não é o mesmo ator que vimos em "O sétimo véu", e, recentemente, em "O homem de cinzento", pois, os grandes artistas também necessitam de um bom diretor... Leslie Arliss, apresentado em sua publicidade pessoal, como "director-writer", evitemente tem mais valor como "cenarista". O maior defeito do filme é a falta de uma direção especializada e da outra artista no papel da *wicked lady*, pois a narrativa escrita pelo diretor Arliss, pode não ser brilhante, porém, não é má, levando-se em conta, naturalmente, o convencionalismo do argumento. No elenco, além de James (que embora mal aproveitado, está bem adaptado ao papel do salteador), há a encantadora Patricia Roc, bem mais convincente que Margaret no seu *role*. É, assim, um filme para os apreciadores do cinema-folhetim, os quaes, diga-se de passagem, ainda formam um grande público, que continua levando a serio esta especie de literatura.

Título original: — "The Wicked Lady"

NOIVO ROMANTICO

1/2

Versão de uma peça teatral de Harry Segal que não o vale o tempo perdido em assisti-la. É verdade que o filme têm Barbara Stanwyck, mas só mesmo os *fans* da esposa de Robert Taylor serão capazes de achar que vale a pena ver esta película da Paramount por causa da sua preferida. É tudo muito convencional e ainda por cima monótono. O diretor Irving Pichel parece ter dirigido o filme como que por aproveitada, sem o menor interesse. Aliás, o genero não era para ele. Robert Cummings, Diana Lynn, Patric Knowles, Peggy Wood (lembram-se?) e outros coadjuvam a "estrela", dando a impressão de estarem representando num palco de amadores...

Título original: — "The Bride Wore Boots"

CANÇÃO DOS BAIRROS

1/2

Como "A vida é um tango", da Lumiton, este filme de Hugo del Carril não é *reprise*. Esta antiga produção da Argentina Sono Film (foi rodada pouco antes da primeira visita do seu protagonista ao Rio, em 1940) esteve, de fato anunciada pelo Odeon, há anos, mas não chegou a ser estreada. É a história de um cantor de tangos em conflito com o pai, com a novidade de uma greve de operarios, no argumento... Musicas de Canaro. Alicia Vignoli, Aida Alberti e Franco Alvarez, no elenco. Dirigido por Luis César Amadori.

Título original: — "La canción de los barrios"

Wallace Beery está de novo em forma...

(Continuação da página 12).

oney (este hoje ainda não cresceu mas já se pode dizer que é adulto...), o *clique* Cooper e Margaret O'Brien. Era quase indispensável que ele juntasse a Dean Stockwell para fazerem juntos um grande filme. O ator infantil representa o papel de Nippy, um órfão e companheiro inseparável do ex-campeão de box.

A atuação de Stockwell em "Anos de ternura" (The green years) no papel de Robert Shannon, no-lo apresenta como um dos atores infantís de maior versatilidade que se conhece em Hollywood.

Além desses dois bons artistas, o filme "McGurk, o poderoso" apresenta ainda Edward Arnold, Aline MacMahon, Cameron Mitchell e Dorothy Patrick.

Edward Arnold, que apareceu recentemente fazendo importantes papeis em "Três tolos sabidos" (Three wise fools), e "My brother who talks to horses", faz um bom papel em "McGurk, o poderoso". Aline MacMahon, que esteve ausente da tela desde sua feliz atuação em "A estirpe do dragão" (Dragon seed), volta agora, à tela para representar o papel da *girl friend* de Slag (Wallace Beery) nesse filme. A loura Dorothy Patrick e Cameron Mitchell formam o par romântico da película... A Dorothy Patrick fez grande sucesso em "Não me desampare" (Boys' ranch) e "Till the clouds roll by". Cameron Mitchell fez a sua estréia no cinema em "Fomos os sacrificados" (They were expendable), filme que nos trouxe de volta, depois de algum tempo nas forças armadas dos Estados Unidos, Robert Montgomery, ao lado de Donna Reed e John Wayne. Depois, Mitchell apareceu em "Tenth Avenue angel" e "My brother who talks to horses".

A história de "McGurk, o poderoso" é muito excitante e se passa na Nova York de 1900. De permeio, há várias cenas cômicas de grande valor. Quem dirigiu essa película foi John Water, que foi recentemente desincorporado do Exército dos Estados Unidos.

Pat Perrin, vitorioso escritor cinematográfico, que há mais de 14 anos milita no cinema, escreveu e adaptou a história desse filme.

Thomas Mitchell

(Continuação da pág. 13)

Tornou-se escritor de argumentos, bem como diretor. Em 1930 colaborou na realização da vitoriosa comédia teatral que se chamou "Little accident", vendida à Universal mais tarde. Não tardou muito a ser cobiçado pela Broadway, onde ganhou fama e pode desenvolver a sua arte, a ponto de chamar a atenção dos produtores da capital do cinema. Assim foi que Thomas Mitchell teve acesso aos estúdios de Hollywood em 1933, contratado que foi pela Paramount para dirigir, escrever enredos e interpretar papeis de filmes do referido estúdio. O primeiro filme por ele realizado, na qualidade de escritor do *screenplay* e diretor do diálogo, foi o que se chamou "All of me".

Em seguida apareceu como ator nos seguintes filmes: "A mulher sem alma" (Craig's wife), "Horizonte perdido" (The lost horizon), "Os pecados de Theodora" (Theodora goes wild) e "Furacão" (The hurricane). Em 1939 foi contratado por Walter Wanger para aparecer no filme "No tempo das diligências" (Stagecoach). E a sua atuação foi tão convincente que lhe valeu um prêmio da Academia. A este seu sucesso marcante se seguiram outros grandes *hits* entre os quais citaremos aqui "E o vento levou..." (Gone with the wind), "O cisne negro" (The black swan), "Wilson, campeão da democracia" (Wilson), "As chaves do reino" (The keys of the Kingdom) e outros.

Depois Thomas Mitchell foi contratado pela 20th Century-Fox, onde fez, em 1946, "Três tolos sabidos" (Three wise fools),

Em seguida "Aventura", filme que trouxe Clark Gable de volta ao cinema, para a Metro-Goldwyn-Mayer e recentemente completou o seu último filme "Espelho da alma" (The Dark Mirror), para a Universal, ao lado de Lew Ayres, que também está fazendo a sua reaparição na tela depois do grande conflito mundial, e Olivia de Havilland.

Essa película está sendo muito comentada pela crítica cinematográfica) os críticos chegam a dizer que ela é uma das melhores realizações do ano no campo da cinematografia) e tudo indica que Thomas Mitchell terá nela o ponto mais alto de toda a sua carreira artística.

Thomas Mitchell mora atualmente em Beverly Hills, numa bela residência, onde vive feliz ao lado da esposa, de uma filha e de uma netinha. O artista possui uma biblioteca povoada por ilustres autores. Devemos dizer que ele tem muito bom gosto literário e que esses autores são os melhores da literatura universal. E a despeito das obrigações que tem para os estúdios em que trabalha Thomas Mitchell, ainda encontra tempo para escrever peças teatrais. Presentemente o artista está escrevendo uma comédia (e que comédia!) que pretende exhibir na Broadway, na próxima temporada.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CIGATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

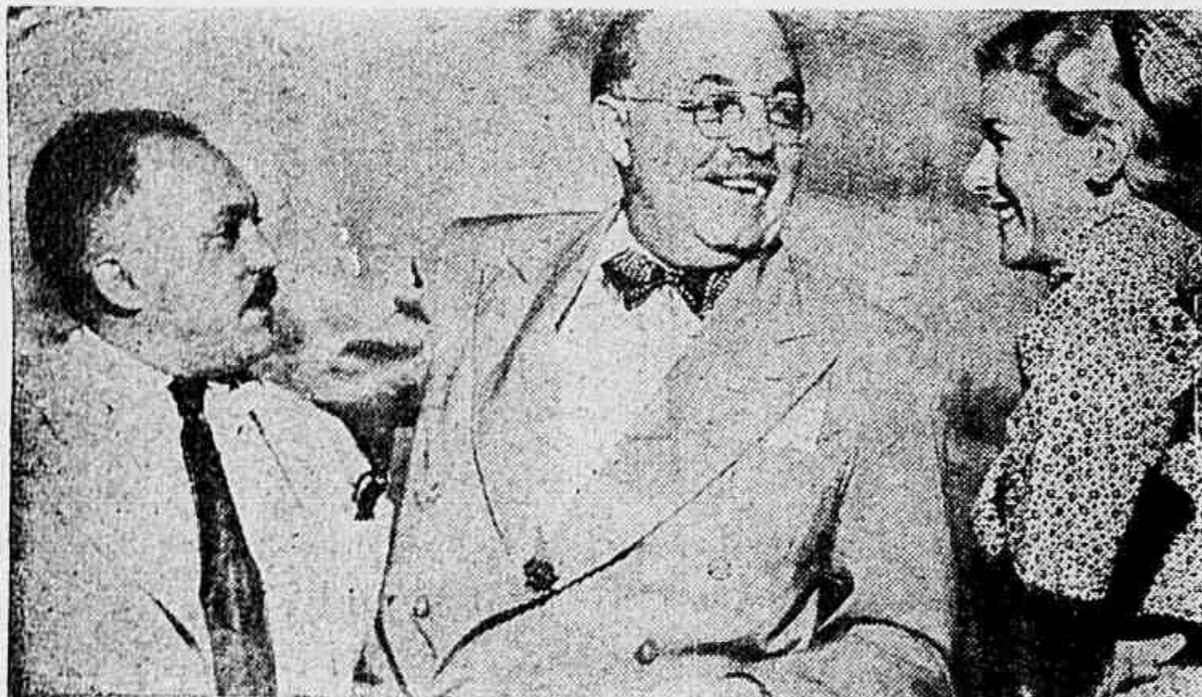
CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

DIRETORES DA COLUMBIA PICTURES NO RIO

Visitaram o Rio, recentemente, os srs. Jack Cohn, vice-presidente executivo da Columbia Pictures, e senhora, além de outras personalidades da mesma produtora, que aqui foram recebidos com grandes homenagens pelos exibidores e altos personalidades do mundo cinematográfico. retribuindo as atenções recebidos os dirigentes da Columbia ofereceram um *cock-tail* à imprensa, no Copacabana Palace Hotel, onde foram colhidos os flagrantes desta página.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA — Mr. Norris, do City Bank, Mr. Reginald Armour, Diretor Geral da Columbia Pictures no Brasil senhora Cybele, Mr. Bernard E. Zeeman, diretor das Filiais Estrangeiras da Columbia e Mr. Beattie. Foto feita durante o "cocktail party" oferecido pela Columbia aos jornalistas cariocas no Copacabana Palace.



Mr. Jack Cohn, Vice-Presidente Executivo da Columbia Pictures Corporation, ladeado pelos jornalistas Raymundo Magalhães Jr. e Miss Edwina Hecht, filha do cineasta Ben Hecht, durante o "cocktail party", oferecido à imprensa carioca no Copacabana Palace.



Mr. e Mrs. Cohn trocam impressões, enquanto Mr. Jack Cohn e Mr. Beattie ouvem Mrs. Cohn, enquanto, mais atrás, o supervisor Kusiel palestra com Mr. Norris, do City Bank. Foto feita durante o "cocktail" oferecido pela Columbia.

Correios dos Famosos

VIOLETA MONTEIRO NASCIMENTO e PAULINO AGOSTINHO DO NASCIMENTO (Curitiba) — Agradecemos e retribuimos.

E. L. S. (Rio) — 1.º — Nasceu em Los Angeles, Cal. a 11 — 10 — 23. Foi "Miss América 1941". 2.º — Nasceu em Orlando, Fla. Foi modelo. 3.º — Nasceu em Chireno, Texas, em 1919. 4.º — Não sabemos. 5.º — George Sanders, Angela Lansbury e Ann Dvorak.

ALFREDO GOMES (Rio) — Entre os principais: Jennifer Jones, Gregory Peck, Joseph Cotten, Lionel Barrymore, Herbert Marshall, Lillian Gish, Walter Huston, Charles Bickford, Harry Carey, Otto Kruger, Sidney Blackmer, Tilly Losch, etc.

FAN DE VON JOHNSON (Rio) — 1.º — A pianista Eileen Joyce. 2.º, 3.º, 4.º — Não sabemos. 4.º — Por falta de espaço, na nova fase da revista.

CESAR DE ANDRADE (Vitória, Jucutuquara) — Aqui fica o seu endereço, para os leitores atenderem o pedido de correspondência: "Jucutuquara, Praça Asdrubal Soares, 59, Vitória, Estado do Espírito Santo." Maria, nasceu na República Dominicana, num dia 6 de Junho. Foi modelo de pintores. Estreou em "Boss of Bullion City", da Universal. Casada com Jean Pierre Aumont, com o qual aparece em seu novo filme, "The Eagle's Rampant". Dorothy, nasceu em New Orleans, La., a 10 — 12 — 1914. Foi "Miss New Orleans" de 1931. Cantou no rádio. Estreou no cinema em "A princesa das selvas". O filme mais recente é "Road to Rio", com Bing Crosby e Bob Hope. O repertório é grande e o espaço do "Correio" pequeno...

MIRIAM ALVES (Rio) — Dennis: Warner Bros — Studio, Burbank, Cal., os outros: M. G. M. Studio, Culver City, Cal. U. S. A.

JOÃO BATISTA DUARTE (Distrito Federal) — A) — "Bela mentirosa". B) — "The Fighting Seabees". C) — Don Ameche Andrea Leeds, Al Joison, Felix Bressart, Chick Chandler, Russell Hisks, George Reed, e outros.

MARILU (São Paulo) — James e Edward — 20th — Century — Fox — Studio, Beverly Hills, Hollywood, Cal. U. S. A. Do primeiro "A Walk in the Sun"; do segundo "Within These Walls".

ZILDA DOMINGOS (Campina Grande — Paraíba) — O último filme de Robert foi "Ainda serás minha". Não sabemos o nome da esposa de Tito. Maureen, é casada com o diretor John Farrow. Olivia, é a esposa do escritor Marcus Goodrich. Sobre o filme, quem poderá informar-lhe é a Warner Bros.



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



Audrey Totter...

(Continuação da pág. 10).

mais fácil a compreensão delas. Os episódios se tornariam mais acessíveis ao espírito de uma criança. E tentei experimentar.

No sábado da primeira semana ela pediu ao merceiro da primeira esquina um pouco de palha, dessa que vem servindo de embalagem a garrafas de bebidas e outras mercadorias. Com a palha, um par de cadeiras e outras coisas, Audrey Totter improvisou um cenário para a cena em que a filha do faraó encontrou o menino Moisés boiando nas águas do Nilo numa cestinha que lhe servia de barco...

No dia seguinte, domingo, era dia de aula. A petizada aguardava a representação da cena. A jovem professora fez o papel da filha do faraó que recolheu a criança que fora lançada ao Rio. Ela mesma chorou como a criança. Um chorinho infantil que só ela mesma sabia fazer... A plateia infantil ficou emocionada, tão emocionada que gostou do espetáculo.

A representação estava alcançando muito sucesso, mas quando já ia pelo meio entrou o superintendente da escola. Ficou assustado com aquela arrumação.

— Ele ficou atarefado — comentou a "estrela". Uma coisa nunca vista uma representação teatral numa aula de religião. Que não diriam as autoridades da igreja? Foi preciso que eu convencesse ao superintendente que estava representando aquela cena para torná-la mais compreensível ao espírito dos alunos. Felizmente, ele consentiu que eu continuasse o meu espetáculo.

O superintendente acabou achando vantagem naquele seu método de ensinar. E nos domingos que se seguiram houve mais espetáculos. Mais cenas da Bíblia foram representadas por Audrey Totter. O episódio de Rute, A cena da Arca de Noé e muitas outras passagens. E o resultado foi ótimo. Por ocasião do primeiro exame semestral que costumavam fazer na escola os alunos de sua classe mostraram-se mais fortes em conhecimentos de catecismo do que o das outras classes. E esse método de ensino todo seu teve repercussão em muitas outras escolas da região. Tanto assim que nessas outras escolas passou-se a adotar o mesmo processo de instrução coletiva.

E Audrey Totter intensificou na sua escola a arte dramática, a ponto de organizar uma *troupe* com elementos do corpo discente da escola e fazer representar diante de uma plateia adulta e numerosa uma bonita peça religiosa. Audrey Totter era, naturalmente, a produtora e diretora do espetáculo.

Isso vem provar que a "estrela" de hoje tinha realmente talento artístico naquele tempo, capaz de chamar a atenção dos produtores e diretores de Hollywood... E que com esse pendor para a arte de representar poderá fazer muito na capital do cinema, pois a curta, mas vitoriosa carreira até agora já encartada é uma das mais promissoras de Hollywood. Audrey Totter alcançou muito êxito no filme "Lady in the lake", da Metro-Goldwyn-Mayer, no qual teve como galã o prestigioso "astro" Robert Montgomery. E continuará de sucesso em sucesso porque é uma artista que tem mesmo queda para a arte dramática!

DONNA REED INSPIROU CONFIANÇA A FRANK CAPRA

(Continuação da página 9)

fim de poder observar os novos costumes e gíria dos estudantes, para escrever os diálogos do próximo filme de Andy Hardy, atualizando-o. Desse modo a jovem Donna Reed teve a feliz oportunidade de se aproximar do estúdio. Logo depois foi eleita "Queen of the Campus" num concurso promovido pelo seu colégio. Um jornal, noticiando o acontecimento, estampou o seu retrato na primeira página. Não foi preciso mais nada para que dois agentes e três

estúdios telefonassem para a encantadora colegial, oferecendo-lhe oportunidades para entrar no "estrelato". A resposta de Donna foi a seguinte: "Não. Muito obrigada". Mas como os representantes de Hollywood não a deixassem de mão ela propôs a um deles o seguinte negócio:

— Você paga dois meses de aulas para mim num intenso curso de arte dramática de Hollywood e depois eu me submeterei a *tests*.

Depois desse tempo os *tests* revelaram uma grande artista, a qual foi logo incluída no elenco de "O idílio de Andy Hardy", com Mickey Rooney.

Casou-se a primeira vez com William Tuttle, um técnico do departamento de beleza da Metro-Goldwyn-Mayer, em Janeiro de 1943. Divorciando-se, contraíu segundas núpcias com Anthony Owen, em Julho de 1945. Com este último marido, que recentemente se tornou produtor independente, é muito feliz. Moram na praia de Santa Monica.

— Eu pertencço à classe de pessoas que pensam muito antes de tomar uma decisão, comenta Donna. E Tony (seu marido) faz tudo precipitadamente.

Tem muito entusiasmo pelo marido e quando começa a falar sobre o ele vai longe. Por isso continuou:

— Posso dar um exemplo. Um meu amigo, que vinha estudando com muito afincio o projeto de uma bomba atômica, escreveu-me uma carta perguntando se o povo americano devia ou não saber mais alguma coisa sobre a fabricação e a energia da bomba atômica. E se eu não achava que isso era um tema que pudesse ser aproveitado pelo cinema. Eu li a carta, mas fui primeiro pensar direitinho no assunto. Quando Tony chegou em casa que leu a carta correu para o telefone e chamou o nosso amigo. O certo é que Tony interessou-se a Metro com essa história. Poucas horas depois ele estava, em companhia de Sam Max — um famoso produtor e pessoa muito distinta — a bordo de um avião rumo a Oak Ridge, Tennessee, onde a energia atômica foi desintegrada pela primeira vez.

Seja como for, o marido de Donna, com essa idéia, concorreu para que a Metro-Goldwyn-Mayer empreendesse a filmagem de "O começo do fim" (The beginning or the end), filme que é considerado uma das mais arrojadas tentativas do cinema nos últimos anos. Aliás, se Owen não se apressasse em tratar de assunto, outro teria conseguido a devida autorização do governo e talvez estivesse explorando o assunto. Num caso desse Donna acabará dando razão ao marido, estamos certo disso...

Em matéria de música Donna Reed prefere a clássica. E os seus clássicos são: Paganini (Concerto para violino), Rachmaninoff (Variações sobre um tema de Paganini). Não obstante isso, é *fan* de Burl Ives, famoso cantor de música popular.

Um dos acontecimentos sociais de maior relevo na vida de Donna Reed foi um jantar em Washington D. C., a onde foi assistir à *premiere* mundial de "Fomos os sacrificados". A mesa do Comandante Ford sentaram-se o Major-General Groves, diretor do projeto da bomba atômica; Almirante Nimitz, que em companhia do General McArthur, aceitou a rendição dos japoneses; e Douglas da Corte Suprema dos Estados Unidos. O almirante Nimitz autografou para Donna Reed, uma fotografia da famosa cerimônia à bordo do cruzador *Missouri*, assinalando com uma seta um dos presentes ao ato e dizendo: "Este sou eu". Depois o grande cabo de guerra disse à artista que estava assinando o seu autógrafo com a mesma que usara no momento de assina a aceitação da histórica rendição nipônica.

Pois bem, eis aqui um pouco da vida da "estrela", que foi escolhida por Frank Capra para ser a heroína de "It's a wonderful life", no qual aparece ao lado de James Stewart, no seu primeiro filme depois de haver deixado o Exército.

A BEIRA DO ABISMO

(Continuação da pág 23)

Ele estava me ensinando a atirar a arma disparou. — Disse tudo de um só fôlego, falando precipitadamente, mas com relutância. Marlowe encolheu os ombros. — Foi o

que Mars lhe disse. E mandou-a aqui para me pôr fora do brinquedo.

Ela abriu a boca, num gesto de assombro e deu-lhe uma bofetada. Marlowe nem pestanejou. — Não adianta isso, menina.

— Imbecill! Eu o matei, já disse. Não está vendo que vai morrer, se ficar aqui? — Ergueu ambas as mãos e apertou entre elas o rosto dêle.

— Você vai descobrir Shawn Regan? Aconteça o que acontecer?

— Aconteça o que acontecer, — foi a resposta, que tinha assim o tom de quem diz. "Agora vá andando."

Quando ela se retirou, êle tomou o automóvel e dirigiu-se para um lugar com o qual já estava a bem dizer familiarizado: Laverne Terrace. A casa de Geiger se destacava nas sombras da noite, quando êle encostou o carro sob o arvoredado e largou calmamente o volante. Estava de arma na mão. O convite fôra feito por Eddie e êle o aceitara.

Caminhou sorratamente, como um gato, até à porta de entrada. A porta abriu-se, sem fazer ruído. Restava-lhe: ou entrar, ou recuar. Esgueiou-se pela abertura. Não ouvia o menor ruído em parte alguma. Caminhou no escuro, para arriar as pesadas cortinas das janelas. Depois acendeu as luzes. A mala de Geiger estava sôbre o tapete, a sua espera.

Na tampa, evidentemente ali colocado de propósito, como isca, tinha preso um cartão com a palavra STERNWOOD. Apanhou-o, e examinava-o, quando ouviu, vinda da porta, uma voz macia dizer: — Deixe-me entrar, Phil!

Aproximou-se da porta, contrafeito, abriu-a rapidamente, e no mesmo instante a fechou. Carmen estava diante dêle, ofegante, vestida às pressas, com os olhos presos aos dêle. — Assustei-o? Prenderam-me no meu quarto, mas eu saí pelo cano da calha. Precisava avisar-me de novo com você. Vivian estava acabando de sair, quando cheguei a sua casa; por isso o acompanhei até aqui.

— Deve ser um assunto muito importante.

Ela fez um gesto brusco de cabeça. — Eu... eu não sei bem como dizer. Algum dia você viu uma coisa — talvez em sonho — alguma coisa muito distante... uma coisa linda, que quisesse agarrar, mas não pudesse porque muitas outras coisas se interpusessem entre você e ela?

Marlowe balançou a cabeça. — Compreendo.

— Talvez se eu não tivesse nascido Sternwood, se tivesse conhecido um homem como você... — Faltou-lhe a voz. — Oh, Phil, haverá um modo de retroceder? — Chegou-se a êle, com um ar de súplica infantil.

Ele deu de ombros. — Por que eu, Carmen?

— Porque... você apareceu lá em casa e eu o vi. Não compreendo, Phil? Você tem o que eu preciso. Talvez seja energia.

Marlowe ficou a contemplá-la. — Foi isso o que você procurou em Regan?

No mesmo instante se alterou a expressão daqueles olhos suplicantes que assumiram um ar cauteloso e de enfado. — Talvez.

— Cada um tem de procurar o seu caminho. Carmen, se você quiser, encontrará o seu. — Enfiou a mão no bolso. — Antes de ir, deixe-me devolver-lhe uma coisa que lhe pertence. A sua pistola. Tenho andado êsse tempo todo com ela, na esperança de encontrá-la. Cuidado. Está limpa e carregada.

Ela recebeu a arma com um breve aceno de cabeça, e êle passou por ela, para abrir a porta.

— Volte, — ordenou ela, com a mesma voz macia, falando atrás dêle. Era uma voz que exigia obediência. Ele voltou-se e viu que o cano da minúscula arma apontava na sua direção. Não havia a menor dúvida sôbre o que ela pretendia fazer.

— E' Vivian, não é? — choramingou, com um sorriso amarelo. — Também com Shawn foi Vivian. E' sempre ela. — A arma começou a detonar, uma bala atrás da outra — quatro ao todo — e tôdas visando o peito dêle.

Mas êle agarrou-lhe o pulso. — Quer dizer que aconteceu o mesmo com Shawn.

Carmen pestanejava, assombrada. — Mas êle morreu. Por que você não morreu?

— Porque as balas têm apenas o cartucho. Eu arranquei os projéteis, depois que me apoderei da pistola, em casa de Brody.

— Você sabia? — murmurou ela, estupefata. — Você sabia?

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

Produto do laboratório da GUARAMIDINA

— Eu tinha as minhas desconfianças. Shawn estava ensinando-a a atirar, não estava? Era o que ele pensava. Mas você não atirou ao alvo.

Os olhos dela apertaram-se, numa expressão mista de vingança e devaneio. — Jogaram-no dentro de um dos poços de petróleo abandonados. Depois Vivian pagou a Eddie Mars, para ele me proteger. Eu estou sempre sendo protegida. Vivian não o deixará fazer nada contra mim. E você não fará mesmo. Vivian sabe o que aconteceria a papai, se ele visse o nosso nome nos cabeçalhos dos jornais. — Sorriu. — Além disso, você não haveria de gostar de ver Vivian na prisão.

— Não, — suspirou Marlowe. — Eu não gostaria. Nem materia o pobre velho... por sua causa. — Assumiu uma atitude de derrota, afastou-se dela, pegou o capote e o chapéu. Ela continuava a sorrir perversamente, quando ele os entregou a ela, dizendo. — É melhor vestir isso, Carmen. Está chovendo.

— Ajudou-a a vestir o capote. Com um derradeiro riso de triunfo, ela passou por ele, a caminho da porta — arrogante, sem mostrar-se comovida com a própria confissão e em completa segurança. Marlowe endireitou-se, quando a viu sumir-se pela abertura da porta. Houve um breve silêncio. Depois, lá fora, ouviu-se o primeiro estampido da arma de Eddie Mars.

Marlowe esperou. Passado um instante, Eddie saiu dentre os arbustos gotejantes, e começou a mover-se como uma sombra em direção ao vulto estendido no caminho; o cadáver que usava o chapéu e o capote de Marlowe. Estava tocando a cabeça tombada para o lado com a ponta do sapato, quando ouviu a voz de Marlowe, que falava das trevas da saleta.

— Desta vez você foi um pouco ligeiro demais no gatilho, Eddie. — Não esperou que Eddie se esticasse. Atirou antes mesmo que ele pudesse apontar a arma. Mars parecia surpreso. Mas logo se desfez a sua expressão de espanto. Cambaleou e caiu.

De um telefone público, Marlowe falou com Bernie Ohls. — Tenho aqui dois cadáveres, em casa de Geiger, — disse. — Sou responsável apenas por um deles. Estarei em casa dos Sternwood. Lá poderemos conversar.

Quando ele chegou à mansão dos Sternwood, Norris percebeu em seu rosto o que acontecera. E Vivian, que acabara de chegar... bastou olhar para ele.

— Pobre Carmen! Diga, diga, que ela não sofreu!

— Foi rápido! É possível, até que ela não tenha sabido o que houve. Mas Eddie soube. Ele ainda teve meio segundo para ver o que lhe ia acontecer. — Passou-lhe o braço pelos ombros convulsivos de choro, para consolá-la. — Ninguém mata impunemente, compreende?

Ela balançou lentamente a cabeça. — Compreendo, Phil.

— Quer dizer que você deu quize mil dólares a Eddie Mars para jogá-lo ao poço?

— Mas o dinheiro era meu. Empenhei as jóias que mamãe me deixou. Ainda tenho o dinheiro de Shawn. Estou procurando os parentes dele... se é que ele os tem. Não é que isso tenha importância. Sei o que você deve estar pensando de mim.

— Sabe? — perguntou Marlowe, com ternura. — Agora vou falar com o seu pai. Espere-me aqui. Talvez você consiga impedir que Bernie Ohls me atire a um cárcere antes de eu abrir a boca. Ela morreu num desastre de automóvel, corpeando. Morreu instantaneamente. Não sofreu. Quando vinha de Santa Barbara para casa.

Os lindos olhos de Vivian agradeceram-lhe mudamente a lenda que ele estava inventando para poupar o desgosto ao velho paralítico.

— Mais uma coisa. Encontrei Shawn Regan. Ele está bem, mas não voltará. Manda lembranças ao general, mas diz que não voltará. — Afastou-se em direção à estufa, com o seu andar de sempre, firme e calmo. Vivian deu alguns passos ao lado dele, antes de voltar para aguardar a chegada de Bernie Ohls. Apertou fortemente a mão de Marlowe. E caminhou ao lado dele, não como uma pantera enjaulada, mas como uma criança que afinal voltava para casa.

— F I M —

Os melhores filmes de 1946

Continuação da pág. 19

ação mais intensa e arrebatadora de 1946. Os elementos de seu elenco desenvolveram a ação do filme de uma maneira admirável. São os seguintes os protagonistas: Aldo Fabrizi, Anna Magnani, Marcello Pagliero e outros.

2) — “Dois Malandros e Uma Garota” (Road to Utopia), escrito por Norman Panama e Melvin Frank, produzido por Paul Jones e dirigido por Hal Walker, para a Paramount. É uma espécie de filme de aventuras altamente cômico, apresentando em seu cast os bons e “velhos” amigos que são Bing Crosby, Bob Hope e Dorothy Lamour, nos papeis centrais.

3) — “Anos de ternura” (The green years), com “Screenplay” de Robert Ardrey e Sonya Levien baseado num romance de A. J. Cronin. Este filme foi produzido por Leon Gordon e dirigido por Victor Saville para a Metro-Goldwyn-Mayer. É uma história comovente capaz de sensibilizar os espectadores até as lágrimas, que versa sobre a vida de uma família escocesa. Principais artistas: Charles Coburn, Tom Drake, Beverly Tyler, Dean Stockwell, Hume Cronyn e outros.

4) — “Henrique V” (Henry V), escrito por William Shakespeare, produzido e dirigido por Laurence Olivier, para a Two Cities Filmes, na Inglaterra. É esta a primeira vez que uma peça de Shakespeare é apresentada na tela com o esplendor e eloquência do estilo do imortal dramaturgo e poeta inglês. Laurence Olivier faz o papel de maior relevo desta película, tendo como interpretes dos outros papeis os seguintes artistas: Robert Newton, Leslie Banks, Renee Asherson e Frances Lister, entre outros.

5) — “Interlúdio” (Notorious), escrito por Ben Hecht; produzido e dirigido por Alfred Hitchcock para David O. Selznick, da RKO-Radio. É uma história de espionagem, mas que não permanece no lugar comum dos filmes desse gênero e consegue agradar com o excelente trabalho de Ingrid Bergman, Cary Grant, Claude Rains, Leopoldine Konstantine e Louis Calhern.

6) — “Brief Encounter”, escrito e produzido por Noel Coward, na Inglaterra, e dirigido por David Lean. Sua história é interessante e versa sobre a vida de uma senhora inglesa e de um médico de pequena cidade. Seu elenco apresenta: Celia Johnson e Trevor Howard, os quais desenvolvem uma belíssima atuação nos papeis centrais.

7) — “The Well-Digger’s Daughter” escrito, produzido e dirigido por Marcel Pagnol, na França. Este filme apresenta o drama de um camponês de Provença que se apaixona por sua neta ilegítima. Raimu, que morreu há algum tempo, faz o papel do camponês, enquanto que os outros papeis tiveram como intérpretes fiéis Fernandel; Josette Day e Charpin.

8) — Os melhores anos de nossas vidas” (The best years of our lives), com “screenplay” de Robert E. Sherwood, baseado numa história de MacKinlay Kantor, produzido por Samuel Goldwyn e dirigido por William Wyler, para a RKO-Radio. Sua história versa sobre a volta de três veteranos da guerra para sua cidadezinha natal, Boone City, onde um mundo estranho e diferente os espera. Protagonistas: Fredric March, Dana Andrews, Teresa Wright e os estreantes Harold Russel e Cathy O'Donnell.

9) — “My darling Clementine”, com “screenplay”, de Samuel G. Engel e Winston Miller, baseado numa história de Stuart N. Lake. É um filme da 20th Century-Fox e foi dirigido e produzido por Samuel G. Engel. Apresenta uma interessante história do Far-West, cheia de ação e cenas comovedoras. Protagonistas: Henry Fonda, Victor Mature e Walter Brennan.

10) — “Stairway to Heaven”, escrito, produzido e dirigido por Michael Powell e Eric

Pressburger, na Inglaterra, para J. Arthur Rank.

A concepção imaginativa deste filme, cuja história gira em torno de um avião que sofre alucinações e obsessão do Além, fez com que ele merecesse o prêmio de que foi detentor. Salientaram-se em seus trabalhos os seguintes artistas de seu cast: David Niven, Roger Livesey, Kim Hunter e Raymond Massey.

Os outros filmes que mais perto andaram de conseguir classificação entre os “dez melhores” foram os seguintes, também na ordem de sua exibição:

“Um Passeio ao Sol” (A walk in the sun), de Milestone para a 20th Century Fox “Longe dos olhos” (Vacation from marriage), de Alexander Korda: “Ana e o Rei do Sião”, da Fox; “The Overlanders”, de Michael Balcon; e “It’s a wonderful life”, de Frank Capra.

Em seguida apresento a lista de outros filmes que têm algum “valor como divertimento para o público”, mas não muito fortes em qualidade:

“O rouxinol mentiroso”, “Three little girls in blue”, “Ziegfeld Follies”, “Romance inacabado”, “Sonhos dourados”, “Make mine music”, “Till the clouds rooll by”, “A vida é uma só”, “Monsieur Beaucaire”, “O tigre domesticado”, “O pecado de Cluny” Brown; “Quem manda é o amor”, “Uma noite em Casablanca”, “Journey together”, “Portrait of a woman”, “Cesar e Cleópatra”, “The raider”, “Dead of night”, “Assassinos”, “A Dália Azul”, “The dark corner”, “Silêncio nas trevas” e “O destino bate à porta.”

George Murphy

Continuação da pág. 17

— Entrei na mina feito um jovem engenheiro e meia hora depois eu pulava para fora do elevador da mina feito ator!

Foi então que começou a sua carreira artística. E ultimamente tem alcançado sucesso não apenas como dançarino, mas como ator dramático. Todavia, ainda dança. A respeito dessa sua especialidade na tela devemos dizer que o ator resolveu há algum tempo abandonar a coreografia e passar a fazer papeis sérios em filmes dramáticos e românticos. Mas os seus fans começaram a escrever ao artista veementes cartas protestando contra a sua nova deliberação. E tem sido tamanha a insistência de seus fans para que George Murphy continue a aparecer em filmes musicais onde possa dançar para deleitar as platéias, que o “astro” resolveu satisfazer a vontade de seus admiradores. Tanto assim que está certo de trabalhar num novo filme musical para a Metro-Goldwyn-Mayer, depois do filme de mistério e emoção de Arch Oboler, “The Arnelo affair”. E já declarou que apresentará novos passos de dança criados por ele próprio em seu novo musical.

Frances Gifford faz o papel de sua esposa em “The Arnelo Affair”. E a propósito disso, conta-se em Hollywood que George oferecera um bouquet de noivado à artista e que os empregados do estúdio comentaram o caso. Entre outras coisas disseram que o popular artista tinha tido uma idéia muito galante. Foi então que ele explicou:

— Minha esposa na vida real foi que me sugeriu essa idéia. Disse que eu não poderia casar-me com Frances Gifford na película sem oferecer-lhe antes um bouquet de noivado...

Os filhos do grande dançarino são endiabradinhos e brincalhões como o pai. Certa vez George Murphy voltava do estúdio e notou a presença de um grande número de pessoas paradas à porta de sua residência. O “astro” ficou assustado. Pensou que se tratasse de algum acidente com um de seus pirralhos. Mas quando chegou perto foi que compreendeu a história. Sua criada estava fazendo um esforço tremendo para convencer todo aquele pessoal que aquela placa que se achava presa à janela onde se lia em letras garrafais. “Alugue-se esta casa”, não passava de uma brincadeira dos meninos. Isso vem provar que em Hollywood também não é muito fácil encontrar-se uma casa para alugar...

UM CASAL FELIZ

GREER GARSON e RICHARD NEY apareceram juntos em "Risada da Esperança" (Mrs. Miniver) em 1942, casaram-se em seguida e recentemente celebraram o seu terceiro aniversário de casamento... Na foto à esquerda Greer Garson parece se prepara para enfrentar um temporal, e em baixo uma pose que ficará para a posteridade.

Ela está filmando "Woman of my own", película em que tem como galã Richard Hart — o novo "astro" que saiu do teatro de Nova York e está fazendo sua estréia em Hollywood.





A' venda em
todo o Brasil

O

ALMANAQUE

EU SEI TUDO

PARA 1947

★

Pedidos á

**COMPANHIA EDITORA
AMERICANA**

RUA VISCONDE DE MA-
RANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

★

PREÇO : CR \$ 12,00

Em todo o Brasil

★

ATENDE-SE PELO REEM-
BOLSO OU VALE POSTAL

★

**GRANDE
SECÇÃO
ESPORTIVA**